



Ministério

Janeiro - Fevereiro de 2005

Uma revista internacional para pastores e obreiros



**Criação em
seis dias**

**Até aos confins
da terra**



O sábado e a nova aliança



Há poder no sangue

James A. Cress

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

“**P**orque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Cor. 2:2). Tente praticar esse lema de Paulo. Pregue sobre Jesus. Somente Jesus. Pregue sobre Jesus crucificado, como o antídoto contra o pecado. Fale de Jesus como nosso Criador, Exemplo, Substituto, Segurança, Mediador e Rei vindouro.

Você não precisa pregar sobre nada mais. Quando achar que já esgotou o assunto “Jesus”, comece de novo e repita a velha história. A repetição refresca seu coração ao passo que aquece o coração dos ouvintes.

O que há tão essencial em pregar sobre Jesus crucificado? Isso é o próprio evangelho – eu merecia morrer, mas Jesus tomou meu lugar. “Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. ‘Pelas Suas pisaduras fomos sarados.’” – *O Desajudado de Todas as Nações*, pág. 25.

Nada mais belo, simples, claro, conciso, abundante, generoso, transbordando perdão e restauração. Anos atrás, tomei algumas notas e adaptei uma mensagem de Maxie Dunham sobre o sangue de Jesus. Mas o que significa esse sangue para você e para mim?

Segurança. A experiência da Páscoa (Êxo. 12:13) envolve proteção. Deus não apenas passava ao largo das casas protegidas pelo sangue. Ele protegia cada porta marcada e cada pessoa abrigada pelo sangue. Pense nisso. Proteção pelo sangue mesmo na hora do juízo. Proteção da penalidade do pecado, da fúria da morte. Como? Responde Dunham: “Alguns falam superficialmente sobre ‘segurança eterna’ embora o Senhor tenha levado o nosso fardo, para manter-nos seguros uma vez que O aceitamos como Salvador! Não abuse da graça de Deus. Ele fez a Sua parte. Cristo pagou o alto preço da nossa salvação, com o Seu próprio sangue. Estamos protegidos apenas enquanto clamamos continuamente o poder do sangue!”

Submissão. O sangue derramado quando o cordeiro era sacrificado deveria ser aplicado às casas. Imagine a

cena. O Senhor, na forma de Anjo do Juízo, movendo-Se sobre a Terra com penetrantes olhos, perscrutando tudo e todos, reclamando os primogênitos, mas deixando as casas marcadas com sangue. Protegendo os que ouviram o chamado de Deus e escolheram a fidelidade.

Chegara a hora do juízo trazendo morte aos lares. Deveria haver derramamento de sangue. Para os impenitentes, a morte do seu primogênito. Para os arrependidos, a morte do unigênito Filho de Deus. O resultado depende de qual sangue era derramado. Não era um trabalho limpo aplicar o sangue. O processo era desagradável, mas conduzia à mais feliz realidade. O sangue salpicado falava de fé, obediência, testemunho e submissão.

Substituição. O cordeiro era morto por toda a família. Israel era salvo por um cordeiro, o melhor e mais perfeito que fosse encontrado. Transpondo os umbrais pincelados de sangue, a família festejava o cordeiro morto em seu lugar. Na verdade, a substituição é um tópico inexaurível, mas uma verdade simples no plano da redenção. Nós a estudaremos por toda a eternidade, mas podemos aceitá-la e experimentá-la neste momento. Não complicuemos; não dificultemos. Apenas simplifiquemos: Eu merecia morrer. Jesus tomou o meu lugar. Substituição. Específica. Individual. Jesus tomou o *meu* lugar.

Purificação. O cordeiro deveria ser sem defeito; o pão, sem fermento. Isso significava ausência de pecado no sacrifício, o que atribuiria ausência de pecado em todos os que fossem cobertos pelo sangue, pois “o sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 João 1:7). Qualquer que tenha sido o seu passado, ele é perdoado e esquecido. Ninguém é tão mau que não possa ser lavado pelo sangue de Cristo. Como nosso grande Mediador, Ele reclama Seu próprio sangue em nosso benefício. Sua purificação leva-nos à regeneração completa.

Serviço. O propósito da purificação é o serviço. “Muito mais o sangue de Cristo... purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Heb. 9:14). Jesus me aceita como eu sou, mas não me deixa como estou. Ele predeterminou em nossa criação e recriação que deveríamos servi-Lo como Deus vivo. Sendo purificados, devemos viver à altura do Seu reino. **M**

**Jesus nos aceita como
somos, mas não nos
deixa como estamos**

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Bueno e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Progr. Visual: Josias Henrique da Silva
Capa: William de Moraes/Heber Pintos

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Cícero F. Gama; Francisco
Carlos Bussons; Guillermo Rojas;
Ivanaudo B. Oliveira; José Carlos
Sánchez; José S. Ferreira; Moisés Rivero;
Ricardo Palácios; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 5.100 exemplares
5499/13197

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatui, SP



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização*
escrita do autor e da editora.



Memorial da vida

O relato bíblico da criação alcança seu clímax com as seguintes palavras: “Assim, pois, foram acabados os céus e a Terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou neste dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gên. 2:1-3).

Essa é a descrição histórica da origem e realidade do sábado, como uma parte sagrada do tempo especificada pelo próprio Deus. O autor do Gênesis liga diretamente o sétimo dia com a criação, apresentando-o como um memorial desse acontecimento, que é crucial para a natureza e identidade humanas. Ao ser ligado ou incluído à atividade criadora de Deus, o sábado é revestido de um significado cósmico, transcendente a limitações temporais, locais ou litúrgicas. Sua instituição é anterior à promulgação de todas as leis, tanto as cerimoniais mosaicas como o próprio Decálogo. E mais, é anterior ao estabelecimento da nação judaica e à entrada do pecado no mundo.

Diante disso, a idéia de que ele tenha caducado com a nova aliança, por ter sido incluído como parte da antiga, cujo propósito inicial era, entre outros, tratar da existência do pecado na vida do povo israelita, não procede. Em Gênesis 2, o sábado não apenas está associado ao evento da criação, mas é santificado, abençoado e feito um dia de repouso por Deus. E o fato de que Deus o tenha separado dessa maneira é extremamente importante para sua permanência e observância entre os Seus filhos, em todos os tempos da História.

Mário Veloso escreve: “Deus abençoou o sábado. Colocou nele toda Sua plenitude de vida. Por isso o sábado é vida, é alegria e é repouso. Nele produz-se a união perfeita do prazer com a liberdade e a disciplina. Deus o colocou no coração da lei moral repetida no Sinai (Êxo. 20:8-11). Essa lei expressa o amor a Deus e ao próximo (Mat. 22:36-40) e Tiago a chama: lei ‘da liberdade’ (Tia. 1:25).

“O sétimo dia da semana, sábado, foi santificado por Deus. ... Deus não queria um mundo que se apartasse dEle, queria-o dedicado a Ele. O mundo somente podia dedicar-se a Deus, isto é, ser santo, através do homem. ... O sábado seria a marca desta santidade e a expressão de que a vida do homem estava dedicada a Deus. ... O sábado foi estabelecido para que o homem, liberado de todas as coisas que não concedem santidade, se relacionasse com Deus, que santificou o sábado para que fosse um sinal de completa dedicação do homem a Ele, que como o Senhor do mundo, dava, assim, sentido a toda a criação.” – *O Homem Uma Pessoa Vivente*, pág. 46.

Zinaldo A. Santos

10 • CRIAÇÃO EM SEIS DIAS

Uma reafirmação da literalidade criacionista, segundo o relato de Gênesis.

13 • OS DESAPONTAMENTOS E A RESSURREIÇÃO

A recompensa para todos os que morreram na fé do terceiro anjo.

15 • PASTOREANDO UM MUNDO COMPLEXO

Princípios que ajudam a desenvolver um ministério pastoral relevante.

17 • O SÁBADO E A NOVA ALIANÇA

Em lugar de abolir, o novo concerto restaura o verdadeiro repouso sabático.

21 • UM CASO DE DESPOJAMENTO

Como Deus mudou as perspectivas de um pastor.

23 • ATÉ AOS CONFINS DA TERRA

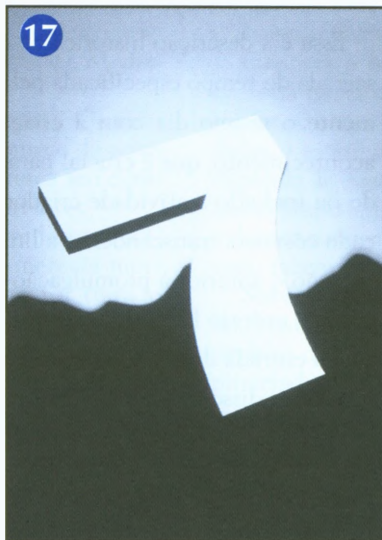
Análise do crescimento da igreja em Atos dos Apóstolos.

26 • PREGAÇÃO AOS ESPÍRITOS

Exegese de uma das passagens mais difíceis da Bíblia.

28 • VÍTIMAS E FERIDOS

As conseqüências de um adultério são devastadoras e quase incuráveis.



William de Moraes

Requiém e ressurreição

Quero registrar minha profunda aprecação por esta revista e, especialmente pela publicação do sermão de Dwight Nelson (Requiém e ressurreição de um caído). Uma mensagem oportuna sobre o perdão, a qual nunca deveríamos esquecer. Todos nós necessitávamos ouvir essa mensagem ou ler esse artigo. Eu necessitava. Absolutamente fantástico! Durante muitos anos, esperei por algo assim, pensando em meus amigos e irmãos que experimentaram uma queda moral. Oro para que eles tenham acesso a essa matéria e sintam o perdão da sua igreja.

Mark Carr, Professor de Bioética na Universidade Loma Linda

Deveriam pastores que caem ser perdoados? Sim. Mas deveriam ser reintegrados ao ministério? Em qualquer Igreja, os requerimentos para liderança são mais altos do que para admissão como membros. Poucos membros de uma igreja são qualificados para o pastorado. Alguns por falta de talento ou habilitação acadêmica. Outros por falhas, tais como roubo, adultério, etc. É senso comum que não deveríamos continuar com um pastor que tenha demonstrado fraquezas assim. Mas o transgressor arrependido e transformado pode ser restaurado à condição de membro e ainda poderá servir ao Senhor em outras áreas. Não necessariamente na liderança pastoral.

Tim Crosby, pastor em Hagerstown, Estados Unidos

Revista diferente

É prazeroso receber esta revista. Tenho contato com publicações de várias igrejas, muitas delas preocupadas em impor sua agenda. Como um capelão hospitalar, procuro me manter aberto ao conhecimento de todas as doutrinas. É impossível trabalhar com doentes sem conhecer todas as religiões. Esta revista me proporciona um bom conhecimento das doutrinas adventistas do sétimo dia, e não comete agressões, ao tratar de outras crenças diferentes das suas.

Patrick Bradley, Cheyenne, Estados Unidos

SEÇÕES

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

4 CARTAS

5 ENTREVISTA

7 AFAM

8 PONTO DE VISTA

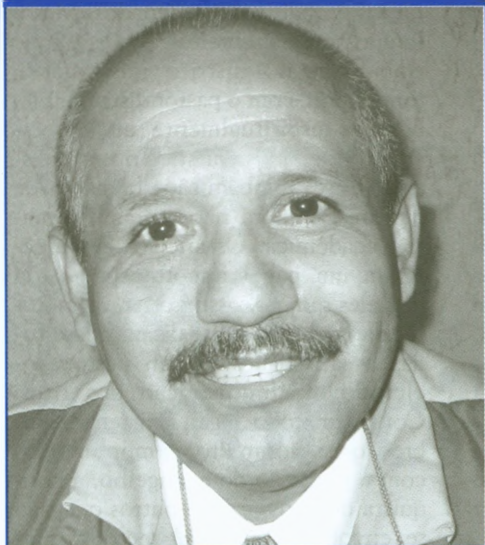
31 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“Tal como Jacó e Paulo descobriram, quando lutamos com Deus e ‘perdemos’, nos tornamos realmente vencedores.”

Frederick Russel



Missão em Serra Leoa

Por Jonas Arrais

“Deus nos chamou e colocou em nosso coração o desejo de servir em qualquer lugar”

Em 2001, o Dr. Elmer Flores, peruano de Pucallpa, aceitou um chamado para trabalhar no Sistema Adventista de Saúde, que abarca os hospitais de Masanga e de Waterloo, em Serra Leoa, na Divisão Centro-Oeste da África. Na época, ele servia à Obra médico-missionária como cirurgião do Hospital de Sopas, em Papua Nova Guiné, na Divisão Sul do Pacífico. Aí se encontrava desde 1999, mas infelizmente a Missão teve de ser fechada em virtude das guerras tribais e dificuldades políticas.

Antes de ir para a África, o Dr. Elmer trabalhou como cirurgião no Sanatório Adventista del Plata, na Argentina, e na Clínica Adventista Ana Stahl, em Iquitos, no Peru.

Após cursar o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, em Tarapoto, dirigiu-se à Universidade Adventista del Plata, na Argentina, onde concluiu a Faculdade de Medicina e especializou-se em cirurgia geral. De seu casamento com Angélica Flores Carrillo, nasceram os filhos Illari e Eric Nahuel. A irmã Angélica é formada em Farmácia e Química, coordena os assuntos relacionados com essas áreas, além de auxiliar a administração do hospital. Os filhos estudam no Colégio Adventista Maxwell, em Nairobi, Quênia. Nesta entrevista o Dr. Elmer fala de sua experiência como médico-missionário na África.

Ministério: *Dê-nos uma visão geral das atividades que o senhor realiza e da região onde atua.*

Dr. Elmer: Trabalho em Serra Leoa, país componente da Missão que tem o mesmo nome e que também abrange os países Libéria e Gâmbia. Essa Missão pertence à União Africana Ocidental, no território da Divisão Centro-Oeste da África. Nossas atividades incluem a administração do Sistema Adventista de Saúde e o desempenho como cirurgião. Serra Leoa é um país no qual existem aproximadamente dez grupos étnicos, cada um com seu próprio idioma, e cada um diferente do outro. Foi então que surgiu um idioma catalizador, o creoulo, que é uma mistura de inglês, francês, português e os idiomas nativos. Quem tem oportunidade e condições de estudar fala inglês.

Ministério: *Existe alguma religião caracterizada como oficial no país?*

Dr. Elmer: Em Serra Leoa não há uma religião oficial. Na verdade, não tenho estatísticas oficiais a respeito disso. Mas, pelo que é possível observar nos pacientes que chegam ao hospital, entre 50% e 60% são muçulmanos, 30% a 40% professam o cristianismo, e de 10% a 20% podem ser incluídos entre os animistas. O espiritismo e as crenças relacionadas a ele são muito populares.

Dentre todos os obstáculos à verdade, talvez esse seja o mais relevante. Praticamente muito a bruxaria e o curandeirismo; tanto em comunidades cristãs como nas muçulmanas.

Ministério: *Que significa, para o senhor, ser missionário em um país assim?*

Dr. Elmer: Deus nos chamou para a Sua Causa, e colocou em nosso coração o desejo de servir em qualquer lugar, mesmo que seja entre os mais necessitados e menos privilegiados. Servir em um país como Serra Leoa é algo emocionante, já que representa muitos desafios em diferentes aspectos da vida. Porém, ao mesmo tempo, a experiência pode ser considerada uma grande bênção. O mais importante é que nos sentimos realizados, sendo úteis às pessoas que nos procuram e com a certeza de estar cumprindo o querer de Deus.

Ministério: *Como foi o processo de adaptação de sua família ao campo missionário?*

Dr. Elmer: Graças a Deus, não tivemos muitos problemas. Provavelmente, o que eu poderia realçar foi o aprendizado de um novo idioma. Inicialmente, isso nos garantiu muitas frustrações, especialmente à minha esposa. Mas, com a ajuda de Deus, tudo foi superado.

Ministério: *Como o hospital é visto pela comunidade?*

Dr. Elmer: Bem, temos um pequeno hospital de 13 leitos em Waterloo, uma população semi-rural situada a 31 quilômetros de Freetown, que é a capital do país. Foi aberto em setembro de 2000, como uma resposta à premente necessidade de serviços médicos e cirúrgicos, resultante da guerra civil que abalou o país. Porém, anteriormente, contávamos com o hospital de Masanga, que era propriedade do governo e foi doado para que a Igreja pudesse administrá-lo. Houve um momento em que esse hospital chegou a ser um dos melhores da África Ocidental, mas, lamentavelmente, foi saqueado por forças rebeldes em duas oportunidades. Por isso acabou fechado em 1996. Atualmente, negociações estão sendo feitas com o governo, com o propósito de reabri-lo. O maior problema com que nos deparamos é a falta de orçamento para sua reconstrução e seu funcionamento. Mas esperamos que, com a ajuda de Deus, esse hospital seja reaberto até o final do ano. A influência da Obra Médica é crucial para a vida de Serra Leoa; não apenas no aspecto sanitário, mas também nos aspectos social, educacional e espiritual. Graças ao abnegado esforço da nossa equipe, muitas pessoas chegaram ao conhecimento de Cristo, aceitando-O como Salvador. É interessante lembrar que muitos atuais servidores dos hospitais de Masanga e de Waterloo foram pacientes que foram tratados em Masanga.

Ministério: *Do ponto de vista médico, qual é o grande desafio enfrentado no país?*

Dr. Elmer: Em se tratando de um país do Terceiro Mundo, e vindo de uma guerra fratricida que terminou recentemente, Serra Leoa apresenta uma elevada incidência de enfermidades infecto-contagiosas, tais como malária, febre tifóide, tuberculose, hanseníase e doenças parasitárias. Um problema que nos preocupa muito é a Aids. Além disso, nos encontramos diante de severas limitações em termos de material cirúrgico e de equipamentos modernos para diagnósticos. Também não temos equipamentos, remédios e pessoal treinado para anestesia. Precisamos de produtos farmacêuticos e temos falta de um bom laboratório de análise clínica. Do ponto de vista religioso, existe o desafio de conviver com pessoas que professam credos estranhos

ao cristianismo, com tradições, maneira de pensar e viver muito diferentes. Porém, com a ajuda de Deus, aprendemos a amar as pessoas tais quais são, como Ele as ama, e aceitá-las.

Ministério: *Quanto tempo durou a guerra civil, e como afetou a Igreja?*

Dr. Elmer: Essa guerra teve uma duração de onze anos e foi considerada, pelos organismos internacionais, uma das mais sangrentas da história mundial. Ela terminou em 2001 e, no início de 2002, foi firmado um tratado definitivo de paz entre as facções rivais. A guerra afetou tremendamente o país, e a Igreja não foi exceção. Houve um deslocamento interno massivo e uma grande migração dos membros de nossas igrejas. Embora não tenham fechado suas portas, os cultos se tornaram irregulares; especialmente na capital, onde as reuniões foram alteradas somente no período das invasões dos grupos rebeldes.

“Graças à Obra Médica, muitas pessoas aceitaram a Cristo como Salvador”

Ministério: *A que o senhor atribui o alto índice da Aids em países da África?*

Dr. Elmer: Penso que algumas causas responsáveis por esse problema são a falta de educação sanitária, a promiscuidade e a predominância de algumas crenças tradicionais. Embora a questão da Aids seja endêmica em toda a África Subsaariana, Serra Leoa conta com uma incidência comparativamente baixa desse tipo de infecção. Mas, segundo é possível observar em nosso hospital, o problema está crescendo de modo alarmante. Caso as forças ativas do país não se juntem na luta contra essa enfermidade, em breve ela se tornará um assunto muito sério, como já ocorre em outros países africanos.

Ministério: *Como é a Igreja Adventista em Serra Leoa?*

Dr. Elmer: Há seis pastores no país,

dos quais um é jubilado, dois são aspirantes e quatro são ordenados. Mas a Igreja nomeia obreiros bíblicos, que trabalham no distrito missionário, juntamente com o pastor distrital. São homens espiritualmente amadurecidos, consagrados, missionários promissores. Esses também são chamados de pastores, embora não tenham formação acadêmica. Os anciãos desempenham um papel importantíssimo, já que eles são, por assim dizer, os motores da igreja local. Realizam quase todas as atividades de um pastor, incluindo a administração dos ritos. Como em todo lugar, existem membros que são muito comprometidos com a pregação do evangelho, a conquista de conversos, e outros que não se envolvem tanto. O método mais comum de evangelismo é o trabalho pessoal, embora não se despreze o evangelismo público, realizado ao ar livre durante a estação seca do ano.

Ministério: *E quanto à participação das mulheres na igreja? Existe alguma ressalva?*

Dr. Elmer: Serra Leoa desenvolveu uma cultura machista, na qual a mulher não passava de uma propriedade do homem, com sujeição total a ele. Entretanto, nos últimos anos, podemos verificar uma mudança, em termos de valorização da mulher na sociedade. Como parte dessa sociedade, a Igreja não era exceção no que diz respeito ao modo de tratar a mulher. Mas agora contamos com irmãs que ocupam funções de destaque tanto na igreja local como no âmbito institucional.

Ministério: *Que conselhos o médico daria aos pastores?*

Dr. Elmer: Gostaria de lembrar que, além das atividades pastorais, todo pastor deve prestar atenção à educação sanitária das suas congregações. Nossa mensagem de saúde também inclui esse aspecto. Assim, devem priorizar os cuidados higiênicos, educando o povo a tomar medidas preventivas contra o desenvolvimento de doenças infecto-contagiosas. O pastor precisa trabalhar junto com os médicos e paramédicos, tanto na igreja como na comunidade, para o bem-estar do povo. Uma coisa mais: se alguém deseja servir no campo missionário, coloque sua vida nas mãos de Deus. Ele se encarregará de desenvolver habilidades e, no momento oportuno, fazer a convocação. **M**

Grandeza para reconciliar

*Nada
perturba
mais o
agressor
do que
ver o
agredido
voltar-lhe
a outra
face*



**Cleide Emília
Faye Pedrosa**

Professora de
Linguística
na Universidade
Federal de Sergipe,
e esposa de pastor

Costumamos identificar pessoas incoerentes em suas palavras e atitudes, dizendo que elas têm “duas caras”. E essa é uma questão que vai além das fronteiras semânticas e pragmáticas do estudo da polidez e dos provérbios. Na verdade, aqui podemos buscar uma interface do linguístico com o religioso.

De acordo com Dominique Maingueneau, todo indivíduo possui duas “faces”: negativa e positiva.¹ A negativa corresponde ao espaço ou “território” de cada um. As pessoas não querem ser incomodadas, impedidas ou controladas. A face positiva está relacionada com a imagem que transmitimos socialmente para as outras pessoas. Elas desejam ser amadas e compreendidas.

Falas ameaçadoras

Todo ato de comunicação pode ser considerado uma “ameaça” para uma ou várias faces. Por exemplo: Uma ordem valoriza a face positiva do locutor e desvaloriza a do interlocutor. Admitir um erro é uma fala ameaçadora para a face positiva do locutor, pois o expõe; e, como cristãos, não devemos adotar essa visão. Promessas são falas ameaçadoras para a face positiva e negativa do destinatário bem como a face positiva do emissor. Perguntas indiscretas, ordens, advertências, conselhos não solicitados são falas ameaçadoras para a face negativa do destinatário.

Percebe-se claramente que uma mesma fala pode ameaçar uma face com o intuito de preservar a outra. Por isso, os envolvidos na comunicação são levados constantemente a negociar, buscando meios de preservar suas próprias faces, porém sem ameaçar a do outro.

O ensino bíblico

Nas Escrituras, encontramos ensinamentos que nos convidam a uma reflexão mais detida sobre esse tema: “Ofereci as costas aos que Me feriam e as faces, aos que Me arrancavam os cabelos; não escondi

o rosto aos que Me afrontavam e Me cuspiam” (Isa. 50:6). “Dê a face ao que o fere; farte-se de afronta” (Lam. 3:30); “... mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra” (Mat. 5:39). Como se vê, o Mestre dos mestres implodiu um paradigma que até hoje está arraigado na sociedade: a violência deve ser combatida com violência.

O autor Augusto Jorge Cury² analisa o objetivo que Cristo queria atingir ao orientar Seus seguidores a oferecer a outra face. O Senhor não falava da face física, mas da psicológica. Oferecer a outra face é não revidar quando agredido. Olhando superficialmente, isso parece uma atitude reveladora de fragilidade e medo. Contudo, só uma pessoa forte é capaz de oferecer a outra face. Somente alguém seguro dos seus valores será capaz de elogiar seu agressor. Quem dá a outra face não se esquiva; enfrenta o outro com a tranqüilidade própria dos que são cômicos e seguros de suas emoções.

A lógica a ser trabalhada é a de que nada perturba mais o agressor do que não ser revidado em sua agressividade. Essa atitude o desarma na tentativa de buscar justificar-se. Certamente ele tentará mitigar o ocorrido através do pedido de desculpas.

Dar a outra face é uma atitude de respeito. Com esse gesto, dizemos que estamos dispostos a compreender os fundamentos da agressividade alheia. E isso é uma forma de ajuda cristã. “A psicologia de ‘dar a outra face’ protege emocionalmente a pessoa agredida e, ao mesmo tempo, provoca a inteligência das pessoas violentas, estimuladas a pensar e reciclar a própria violência.”³

Passividade versus maturidade

Novamente nas palavras de Cury, “Cristo, através do discurso de dar a outra face, queria proteger a pessoa agredida, fazê-la transcender a agressividade imposta pelo outro e, ao mesmo tempo, educar o agressor, levá-lo a perceber que a sua agressividade é um sinal de fragilidade”.⁴ Cristo era totalmente contrário a qualquer espécie de violência. Contudo, a humildade que apregoava nada tinha a ver com medo, submissão passiva; porém, ligava-se à maturidade da personalidade, construída por intermédio de uma emoção segura e serena.

Cristo nos ensinou o procedimento correto a seguir, a fim de preservar tanto a nossa face positiva quanto a do nosso agressor. E não faltam situações para colocar em prática o Seu conselho. Portanto, não tenha medo de pedir desculpas, estender a mão reconciliadora, estreitar-se com alguém num abraço perdoador. **M**

Referências:

- ¹ Dominique Maingueneau, *Análise de Textos de Comunicação* (São Paulo, SP: Cortez, 2001), pág. 38.
- ² Augusto Jorge Cury, *O Mestre dos Mestres: Análise da Inteligência de Cristo* (São Paulo, SP: Academia de Inteligência, 1999).
- ³ *Ibidem*, pág. 166.
- ⁴ *Ibidem*, pág. 167.

A ilha dos santos

Escolas de teologia podem e devem ser instrumentos em favor da missão



Martín G. Klingbeil

Professor no Seminário de Teologia da Universidade Adventista del Plata, Argentina

Durante um encontro de pastores, um colega perguntou-me em tom de brincadeira: “Como é viver na ilha dos santos?” Ele se referia à Faculdade de Teologia, onde eu trabalhava como professor, e transparecia sua opinião de que o seminário estava longe da realidade do seu trabalho como pastor distrital. De vez em quando reencontro o mesmo pensamento. Mas, seriam os seminários realmente “ilhas de santos”, aliados do continente onde é produzido o crescimento eclesial? Estariam os acadêmicos preocupados apenas com pesquisas teológicas na estratosfera, em vez de responder aos desafios de uma igreja em explosão numérica?

Em outras denominações, tem-se observado historicamente que quando os seminários se distanciam de seus corpos constitutivos, perdem o sentido de missão e se transformam em centros de formação acadêmica, sem orientação religiosa.¹ Embora esse perigo pareça remoto em nossa realidade sul-americana, qualquer brecha entre a Igreja e seus centros de formação teológica requer atenção imediata. Neste artigo, pretendemos destacar alguns pontos de contato entre o seminário e a igreja, que mostram o valor da colaboração mútua harmoniosa, tendo em vista o cumprimento da missão.

Estudo teológico

O Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Salt, tem-se orientado filosoficamente em função da igreja, destacando o conceito de seminário em missão e o compromisso de formar líderes preparados para enfrentar as necessidades dela.² Os desafios do século 21 exigem uma retroalimentação permanente entre pastores, administradores e professores, na adaptação do currículo às necessidades atuais.

Em seu livro *The Ideal Seminary* [O Seminário Ideal], Carnegie Calian, presidente de um seminário evangélico nos Estados Unidos, propõe um currículo baseado no conceito de per-

dão, enfatizando a necessidade urgente de formar pastores tanto espiritual como academicamente.³ De certa forma, esse desafio encontra-se também nas palavras do Pastor Jan Paulsen: “Sua igreja diz: Eles [os estudantes] são nossos jovens antes de chegarem a vocês. Não os convertam em estranhos antes de no-los devolver.”⁴ Felizmente os currículos estão mudando, e já existem propostas de matérias tais como “formação espiritual”, “ministério de oração”, ou “discipulado”. Junto com as tradicionais, essas novas matérias contribuem para a formação integral dos futuros pastores, que saem dos seminários com amor para com os pecadores, porque têm conhecimento experimental do perdão de Cristo na própria vida.

Ensino teológico

Uma das pressuposições da observação feita por meu amigo é que os professores de teologia se desligaram da realidade pastoral e desconhecem as verdadeiras necessidades da igreja. O professor de teologia, em primeiro lugar, é e deve ser um pastor. Qualquer título acadêmico adquirido somente serve para que ele desenvolva melhor seu ministério de ensino, que é um dos dons espirituais (Efés. 4:11 e 12). Deve ser alguém comprometido com o aprimoramento da formação de novos pastores. Nesse sentido, ele está tão envolvido na Causa como o evangelista, o administrador, o diretor de departamento e o pastor em suas respectivas áreas de ação. O professor exerce seu ministério porque a Igreja reconheceu nele o dom de ensinar.

Há uma preocupação, em algumas regiões mais liberais, em fazer da aula uma plataforma para apresentação de inquietações doutrinárias pessoais do professor, ignorando os caminhos e organismos denominacionais apropriados para a discussão e o estudo de crenças. Tendências assim têm criado certa desconfiância entre a administração da Igreja e os seminários. E mesmo que tal problema não exista nas regiões mais conservadoras, este é o momento de pensar na prevenção de situações semelhantes, fortalecendo os laços entre a administração eclesial e os professores de teologia. Isso pode acontecer através do envolvimento de professores em campanhas evangelísticas, concílios e seminários de treinamento. Também é recomendável a participação dos administradores nas atividades do seminário, realizando palestras, avaliando o currículo e os alunos durante o curso.

Pesquisa teológica

Para muitos pastores, a pesquisa é apenas uma exigência incômoda dos dias estudantis. Esquecem-se de que um pastor que não pesquisa está destinado ao estacionamento espiritual e profissional. A pesquisa teológica é munici-



PhotoDisc

para as armas de quem está na linha de frente; provê respaldo e apoio teóricos ao trabalho pastoral. Não é um exercício acadêmico feito por alguns eruditos desligados, isolados numa torre de marfim, mas é a busca de respostas para perguntas atuais, problemas urgentes, inquietações que surgem e ameaçam o avanço da Causa de Deus. As perguntas são necessárias, e a igreja deve dirigir-se ao seminário, como a um consultor, sugerindo linhas de investigação e buscando respostas.

Como as necessidades são múltiplas, é preciso que haja especialistas em todas as áreas de pesquisa teológica (bíblica, sistemática, histórica e aplicada), que aprendam a trabalhar de forma multidisciplinar nos seminários, a fim de responder às inquietações e divulgar os resultados entre os membros das igrejas. Devemos promover a publicação e difusão dos materiais pesquisados.

Lamentavelmente criou-se uma falsa dicotomia entre a pesquisa teológica e a missão, que tem produzido uma tensão entre a teologia sistemática e a teologia aplicada. As duas são relevantes e indispensáveis. Enquanto uma cria o fundamento da fé, a outra constitui-se o edifício sobre esse fundamento, acrescentando pedras vivas em forma de cada pessoa batizada.

A igreja sul-americana tem contribuído para o crescimento mundial da Obra, com números impressionantes. Mas também existe uma necessidade urgente de se ouvir uma voz teológica conservadora a partir da América Latina, que ajude a enfrentar os desafios doutrinários que afetam a igreja em outras partes do mundo. O crescimento numérico deve ser acompanhado de um aprofundamento na preparação doutrinária dos crentes. A idéia de que a investigação é opcional, um luxo supérfluo, ou um desvio da missão, não responde à realidade atual.

Pregação teológica

Se nos voltarmos para o sentido original da palavra “teologia”, o qual é “palavra acerca de Deus”, não nos resta outra opção senão pregar teologia. O seminário tem de participar ativamente – não apenas indiretamente, através da formação dos futuros pastores – na missão de salvar pessoas. Talvez seja essa a medida preventiva mais eficaz contra uma separação entre o seminário e a igreja. Um dos grandes marcos dos nossos seminários sul-americanos é a ênfase no aspecto prático da formação pastoral, ou seja, a imersão dos estudantes, desde o primeiro momento, durante os fins de semana, em atividades evangelísticas e prática pastoral.

Os seminários teológicos podem e devem ser um instrumento poderoso da missão, apoiando-a em todo o tempo, com todos os seus professores e

estudantes. Também podem funcionar como campos missionários, servindo às comunidades eclesíásticas ao redor, nas quais possam testar, implementar e desenvolver novos programas de evangelização.

Avanço em união

Em várias oportunidades, Ellen G. White incentivou o trabalho unânime, em todos os níveis eclesíásticos. Por ocasião da assembléia da Associação Geral, em 1901, na qual foram introduzidas mudanças importantes na estrutura eclesíástica, ela falou aos delegados: “Quando recorremos ao Senhor com uma mente humilde, e buscamos nos unir tão estreitamente e tão rapidamente quanto podemos, o Deus do Céu coloca Sua aprovação sobre nossa obra. Parece que nesta reunião há um esforço por avançarmos de modo harmônico. Esta é a mensagem que nos últimos cinquenta anos tenho ouvido das hostes angelicais: ‘avançai unidos, avançai unidos’. Façamos isso. Quando no espírito de Jesus procurarmos avançar unidos, deixando de lado nosso eu, descobriremos que o Espírito Santo agirá e a bênção de Deus descerá sobre nós.”⁵ **M**

Referências:

- ¹ Muitas universidades dos Estados Unidos foram originalmente estabelecidas com seminários teológicos. A declaração original da Universidade de Harvard inclui as seguintes palavras: “Para ser instruído plenamente e compreender bem que o propósito principal de sua vida é conhecer a Deus e a Jesus Cristo.” Ver www.harvard.edu/siteguide/faqs/faq110.html
- ² Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, *Regulamento Interno*, 4ª edição (Brasília, DF: Divisão Sul-Americana, 1988), pág. 2.
- ³ Carnegie Samuel Calian, *The Ideal Seminary* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2002), págs. 45-47.
- ⁴ Ver www.adventist.org/news/data/2003/06/1058270156/index.html
- ⁵ Ellen G. White, *General Conference Bulletin*, 10/04/1901, pág. 182.



Norman R. Gulley

Ph.D., professor de Teologia Sistemática na Universidade Adventista do Sul, Tennessee, Estados Unidos

Criacionismo

A sexta-feira da criação do homem foi tão literal quanto a da sua redenção

Criação em seis dias

Grande parte do mundo cristão já não acredita em Gênesis 1 e 2, como um relato literal da criação. Desde Charles Darwin, os processos naturais são evocados para explicar a origem da vida,¹ e eruditos cristãos tentam acomodar as coisas, interpretando o relato de Gênesis à luz da cosmologia científica.² Como exemplo disso, temos o mais recente *Catecismo da Igreja Católica* (1994), que vê o relato bíblico como sendo simbólico.

Carl Henry disse que “a Bíblia não requer a crença na criação em seis dias literais de 24 horas, com base em Gênesis 1 e 2”.³ Gordon Lewis e Bruce Demarest acreditam que “a conclusão mais provável é que os seis atos consecutivos da criação foram separados por longos períodos”.⁴

Antes de Darwin, alguns teólogos falavam dos dias da criação como literais por causa do sábado literal.⁵ Outros faziam referência ao sábado dentro da semana da criação,⁶ ou simplesmente apoiavam a literalidade dos dias, conforme descritos no relato bíblico.⁷ Em 1998, Robert Reymond apresentou sete princípios hermenêuticos para interpretação dos dias em Gênesis 1 e 2:

1. O significado principal de um termo deve ser mantido, a menos que análises contextuais sugiram de outra forma. A palavra hebraica para *dia*, ou seja, *yôm*, no sentido singular, plural ou duplo, ocorre 2.225 vezes no Antigo Testamento e, na maioria dos casos, designa um período de 24 horas. Nenhum requerimento contextual em Gênesis 1 sugere de outro modo.

2. A frase “tarde e manhã” (Gên. 1:5, 8, 13, 19, 23 e 31) aparece em 37 versos fora de Gênesis, como, por exemplo: Êxo. 18:13; 27:21, e sempre faz referência a um período de 24 horas.

3. Os números ordinais (primeiro, segundo, terceiro) usados com *yôm* aparecem centenas de vezes no Antigo Testamento (Êxo. 12:15; 24:16; Lev. 12:3, por exemplo), e sempre apontam um período de 24 horas.

4. A criação do Sol, “para governar o dia”, e da Lua, “para governar a noite” (Gên. 1:16-18), no quarto dia, sugere dias literais de 24 horas, e nada existe no texto sugerindo algo diferente.

5. A Escritura é o melhor intérprete da Escritura. Uma passagem menos clara é interpretada por outra mais clara. O quarto mandamento, em Êxo. 20:11 (cf. Êxo. 31:15-17), reflete o re-

lato de Gênesis sobre a criação, assumindo que os dias bíblicos dessa criação foram literais.

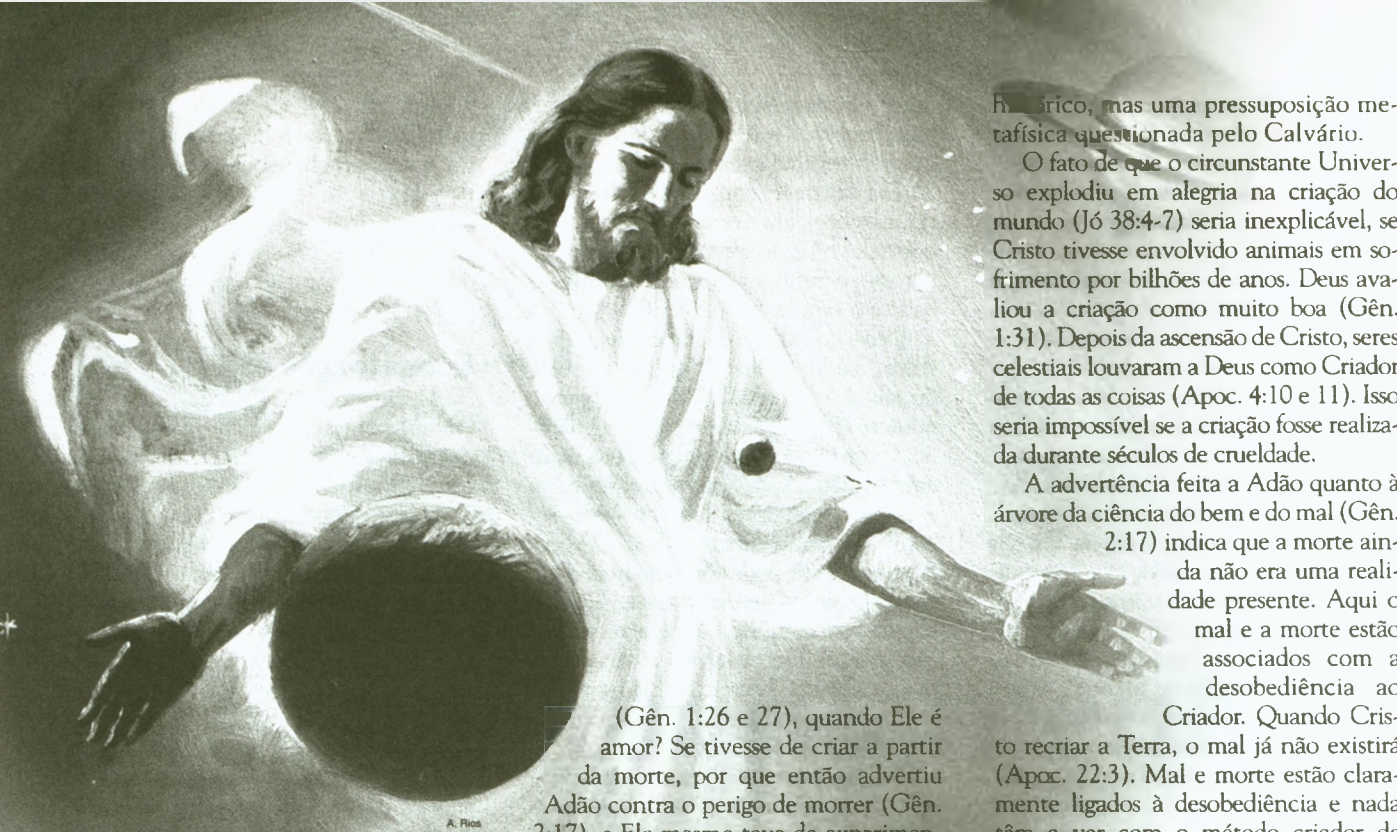
6. A palavra *dias*, no plural (do hebraico *yamim*), ocorre 608 vezes no Antigo Testamento e também sempre descreve períodos de 24 horas.

7. Se Moisés tencionasse referir-se ao dia-ano, em lugar de períodos de 24 horas, no relato da criação, ele teria usado o termo hebraico *ôlam*.⁸

Amoroso criador

Que efeito a evolução teísta poderia exercer sobre nossa compreensão da bondade e do amor de Deus? Em 1991, o cientista David Hull, da Universidade do Noroeste, avaliou o processo da evolução como “cheio de casualidade, contingência, devastação, morte, sofrimento e horror. ... O Deus implícito na teoria evolucionista e os dados da história natural... não é um Deus amoroso que cuida de Sua produção. Ele é... descuidado, indiferente, quase diabólico. Certamente não é o tipo de Deus a quem uma pessoa deveria querer adorar”.⁹

É interessante lembrar que o livro *Origem das Espécies*, de Darwin, pelo menos em parte, é uma cosmologia concebida para explicar o mal na natu-



reza.¹⁰ **Min Deus criou** o Universo através de Cristo (Col. 1:15 e 16; Heb. 1:1 e 2), que **revelou** como um Deus de amor (João 14:9; 17:23), sendo ambos tão altruístas e amorosos na criação, como o foram também na salvação do homem (João 3:16; Heb. 13:8).

Em extremo contraste, Satanás é egoísta (Isa. 14:12-15; Ezeq. 28:12-18). Foi ele quem iniciou uma guerra contra Deus (Apoc. 12:3-8), a qual afetou o mundo natural (Gên 3:1-19). Cristo referiu-Se a Satanás como sendo o “príncipe” deste mundo (João 12:30-32), e Paulo o chamou de “o deus deste século” (II Cor. 4:4). O mal no mundo moral e natural deve ser creditado a ele, pois “Deus é amor” (I João 4:7-16), e Seu amor derrotou Satanás na cruz (Apoc. 12:9-13; João 12:31 e 32). Os evolucionistas teístas, isto é, os defensores de que Deus usou a evolução para criar, não discernem a diferença radical entre as duas cosmovisões.

Por que Deus utilizaria o método da “sobrevivência do mais forte” para criar, quando o fundamento do Seu trono é a justiça (Sal. 89:14)? Por que Deus, para quem todas as coisas devem ser feitas “com decência e ordem” (I Cor. 14:40), faria o oposto num torturante processo através de longos períodos? Como é possível tal modelo, em vista de Sua divina providência na História (Rom. 11:36; 8:28-30)? Por que Deus usaria a morte para criar seres humanos à Sua imagem

(Gên. 1:26 e 27), quando Ele é amor? Se tivesse de criar a partir da morte, por que então advertiu Adão contra o perigo de morrer (Gên. 2:17), e Ele mesmo teve de experimentar a morte para salvar o homem dessa penalidade (João 3:16; Rom. 6:23)? Se a morte é o último inimigo a ser vencido no fim do grande conflito (I Cor. 15:26), como poderia Deus usá-la para criar, antes do início do conflito?

Em vista de que uma “doutrina particular de Deus é um pré-requisito para o êxito da evolução”,¹¹ os evolucionistas teístas promovem uma visão de Deus que favorece o conflito. Essa doutrina distorce toda a visão bíblica de Deus como um amável Criador.

Distorção da verdade

Se Deus escolheu criar através de processos de evolução natural, nos quais horrores de tortura e morte durante bilhões de anos foram necessários para fazer surgir os seres humanos, isso seria o mais longo e cruel holocausto. No Calvário, pelo menos o holocausto foi infligido por outros a Cristo; mas no caso da criação, Ele teria imposto um holocausto ao reino animal.

Todas as verdades bíblicas devem ser vistas à luz da revelação de Deus no Calvário. Essa revelação foi histórica e testemunhada. Provê evidências de quão amoroso é Deus, a quem Cristo solicitou que perdoasse Seus malfeitores (Luc. 23:34). Assumir que esse mesmo Cristo, ao utilizar uma forma sistematizada de criar vida, acumulou crueldade sobre animais durante bilhões de anos, não significa um dado

histórico, mas uma pressuposição metafísica questionada pelo Calvário.

O fato de que o circunstante Universo explodiu em alegria na criação do mundo (Jó 38:4-7) seria inexplicável, se Cristo tivesse envolvido animais em sofrimento por bilhões de anos. Deus avaliou a criação como muito boa (Gên. 1:31). Depois da ascensão de Cristo, seres celestiais louvaram a Deus como Criador de todas as coisas (Apoc. 4:10 e 11). Isso seria impossível se a criação fosse realizada durante séculos de crueldade.

A advertência feita a Adão quanto à árvore da ciência do bem e do mal (Gên.

2:17) indica que a morte ainda não era uma realidade presente. Aqui o mal e a morte estão associados com a desobediência ao

Criador. Quando Cristo recriar a Terra, o mal já não existirá (Apoc. 22:3). Mal e morte estão claramente ligados à desobediência e nada têm a ver com o método criador de Deus. Por isso a Escritura diz que Adão, e não Cristo, introduziu o pecado e a morte no mundo (Rom. 5:12). Cristo veio morrer para matar a morte e libertar a raça caída (Rom. 4:25). Foi o ato do primeiro Adão que causou condenação e morte. A morte do Segundo Adão providenciou salvação (Rom. 5:18).

Cristo não usou a morte para criar seres humanos no Éden. Ao invés disso, o relato diz que Ele morreu para salvar os seres humanos. Em virtude do grande conflito cósmico, no qual Satanás revela seu ódio contra Cristo e tem se engajado em um processo de desinformação sobre Deus,¹² faz sentido que ele promovia um método natural de criação através do horror, pois isso efetivamente destrói o poder de atração do Calvário. A criação através do horror é compatível com o rancor satânico em relação a Cristo e à cruz, sendo incompatível com o caráter de um Redentor que morreu para que Suas criaturas tenham vida.

A coroa da criação

Em Gênesis 1, há uma correspondência entre os seis dias. Os primeiros três dias apresentam as áreas formadas por Elohíim, o Deus Todo-poderoso: 1º dia – luz e trevas; 2º dia – céus e mar; 3º dia – Terra (plantas). Os últimos três dias mostram que Ele completou essas áreas: 4º dia – luminares; 5º dia – pássaros e peixes; 6º dia – animais e seres humanos (plantas para alimentação). E

no sétimo dia instituiu o sábado.

O clímax não é a criação do ser humano, conforme crê a teoria evolucionista teísta, mas o sábado, pois a narrativa termina com a referência ao sábado, em Gên. 2:1-3. Karl Barth afirma que o sábado “é, na realidade, a coroação de Sua obra”; pois, “não o homem, mas o repouso divino do sétimo dia é a coroa da criação”.¹³ A bênção (*barak*) de Deus foi dada apenas no sétimo dia, que foi estabelecido à parte dos outros seis e tornado santo.

A palavra sábado é derivada do termo hebraico *sbt*, cujo significado é “cessar” ou “desistir” de uma tarefa prévia. Em seis dias, Cristo avaliou a criação como muito boa (Gên. 1:31), e então a completou (Gên. 2:3). “Porque em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento” (Êxo. 31:17). A obra da criação foi concluída no sexto dia daquela semana, ao contrário de ser um processo em andamento.

Ademais, o relato da criação em Gênesis diferencia entre Deus como *Elohim*, que cria (*bara*) trazendo, por Sua palavra, as coisas à existência, em Gên. 1:3, 6, 9, 11, 14, 20, 24 e 26, e o adicionado nome *Yahweh*, o Deus que forma (*yasar*) seres humanos em Gên. 2:21 e 22. *Yahweh Elohim* somente é introduzido em Gênesis 2:4. Nesse capítulo a expressão aparece onze vezes. Aqui Deus cria os seres humanos em uma forma distinta do que fez com todo o restante da criação em Gênesis 1, e em contraste à evolução teísta, onde os seres humanos são produto de mutação casual. Dizer que Deus interveio no processo não é evolução, nem o processo concorda com Gênesis 1 e 2.

Na Escritura, o sábado é uma celebração das obras de Cristo, na criação (Gên. 2:1-3; Êxo. 20:8-11), na travessia do Mar Vermelho (Deut. 5:15) e na sexta-feira da crucifixão (João 19:30). Cristo criou Adão em uma sexta-feira; e, na sexta-feira da crucifixão, Ele Se tornou o Segundo Adão para o mundo, em Sua morte (Luc. 23:44-24:6). A sexta-feira da crucifixão, tal como a da criação, foi um começo para a raça. O sábado celebra a criação terminada para Adão e Eva, a libertação consumada para uma nação, e um sacrifício realizado para um mundo. A primeira obra terminada de Cristo é tão literal como as outras duas.

Aqueles que negam uma semana literal da criação, de sete dias, tentando encontrar o sábado somente no exemplo de Cristo, passam por alto o fato de

que o Cristo pré-encarnado, que deu os mandamentos a Moisés, escreveu a seguinte revelação em pedras (Êxo. 24:12): “Porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxo. 20:11).

Deus criou tudo através de Cristo (Heb. 12:1). Como “Senhor também do sábado” (Mar. 2:28), Ele o fez para o homem (Mar. 2:27). Ao guardar o sábado, Cristo endossou o relato da criação em seis dias. Após Sua morte, no sábado, Seus seguidores “descansaram segundo o mandamento” (Luc. 23:56). Assim, não se pode fundamentar o sábado apenas na prática e nos ensinamentos de Cristo, sem referência à semana da criação, porque Ele observou o sábado no fim da semana da criação. Ele estava lá.

Evidências posteriores

Todo o livro de Gênesis é estruturado pela palavra “geração” (*tôledôt*), ou “gênese”, de modo que a declaração “esta é a gênese dos céus e da Terra” (Gên. 2:4) é tão literal como a promessa de Deus de estabelecer Sua aliança com Abraão e a sua “descendência no decurso das suas gerações” (Gên. 17:7).

As Escrituras apresentam a criação como um dos poderosos atos de Deus. A frase: “Disse Deus”, para cada um dos seis dias, revela o poder de Sua palavra criadora. Para cada um dos dias, a expressão “Disse Deus” é seguida por “E assim se fez” ou equivalente, proclamando o poder de Seu mandamento.

O espantoso poder da palavra de Deus também é visto na velocidade com que Suas ordens foram cumpridas em contínuos e contíguos dias literais de 24 horas. Como já observamos, a palavra hebraica *yôm*, quando usada junto a números ordinais sempre é um dia literal. Suas ordens tinham resposta instantânea. É por isso que Ele podia dizer cada dia que a nova realidade criada era muito boa. No sexto dia, “viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gên. 1:31). Estamos tratando com um relatório literal que apresenta o método usado por Deus na criação: Ele ordenou e tudo se fez.

Gênesis é apenas um dos cinco livros que Moisés escreveu. Como interpretam os outros livros a semana da criação? Todas as referências de Moisés à semana da criação têm uma interpretação literal. Por exemplo, o maná caía por seis dias, mas não no sétimo dia (Êxo.

16:4-6; 21; 23). O sábado do quarto mandamento está baseado no sétimo dia que Deus abençoou depois dos seis dias da criação (Êxo. 20:8-11). O sábado é um sinal entre Deus e Seu povo (Êxo. 31:16 e 17). Interpretar o relato da criação como não sendo literal, não faz sentido nessas referências.

Comprovação bíblica

A evidência do relato da criação em Gênesis, em outros livros de Moisés e no restante das Escrituras nos leva a concluir que Deus criou o mundo durante um período literal, contíguo, de seis dias, seguido por um sábado literal. Qualquer acomodação da semana da criação a uma cosmogonia evolucionista substitui a Palavra de Deus por palavras de homens e realça o grande conflito no coração, questionando a natureza da inspiração divina (Gên. 3:1-6). Tal acomodação substitui o amor de Deus por um Deus que criou através de bilhões de anos de sofrimento. Isso é incompatível com o Calvário e remove o sábado como o clímax da criação.

Qualquer tentativa de mudar o sábado literal por um sábado dia-ano é espúria. Afinal, Cristo escreveu no quarto mandamento que Ele criou o mundo em seis dias e repousou no sétimo. E ordenou que Seus seguidores guardassem o sétimo dia como o sábado. Não surpreende que o Cristo encarnado fale da criação de Adão e Eva como um fato literal (Mat. 19:4 e 5). **M**

Referências:

- 1 Charles Darwin, *The Origin of Species*, (Nova York: Gramercy Books, 1979, 1ª edição, 1859), págs. 69, 317 e 435.
- 2 Augustus Strong, *Systematic Theology* (Filadélfia, Pa.: Judson, 1907), págs. 465 e 466.
- 3 Carl F. H. Henry, *God, Revelation and Authority* (Waco, Texas: Word, 1983), vol. 6, pág. 226.
- 4 Gordon R. Lewis e Bruce A. Demarest, *Integrative Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), vol. 2, pág. 44.
- 5 Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), pág. 155.
- 6 Martinho Lutero, *Luther's Works* (St. Louis: Concordia, 1958), vol. 1, pág. 80; vol. 3, pág. 82.
- 7 João Calvino, *Calvin's Commentaries: Genesis* (Grand Rapids: Baker, 1989), vol. 1, pág. 92.
- 8 Robert Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville: Nelson, 1998), págs. 393 e 394.
- 9 David Hull, *Nature* 352 (1991), pág. 486.
- 10 Cornelius G. Hunter, *Darwin's God: Evolution and the Problem of Evil* (Grand Rapids: Brazos, 2001).
- 11 *Ibidem*, pág. 159.
- 12 Richard M. Davidson, *Journal of the Adventist Theological Society*, 11 (2000), 1-2:108.
- 13 Karl Barth, *Church Dogmatics* (Edimburgh: T&T Clark, 1958), vol. 3/1, pág. 223.



Matusalém F.
Santana

Pastor na Associação
Paulista Sul, Brasil

Escatologia

Um galardão especial está reservado a todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo

Os desapontamentos e a ressurreição

O segundo advento de Cristo é uma das mais preciosas e importantes promessas das Escrituras. Disse Jesus: "... vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também" (João 14:2 e 3). Esse é o ponto culminante da obra da redenção.

O anúncio de que a segunda vinda de Jesus está próxima tem sido um dos marcos do cristianismo e, especialmente, do adventismo, cuja história registra um desapontamento relacionado a esse acontecimento. No dia 22 de outubro de 1844, Jesus não voltou conforme esperavam os pioneiros, mas, como sabemos, iniciou Seu trabalho de intercessão no segundo compartimento do santuário celestial. A isso denominamos juízo investigativo pré-advento, ou seja, o grande Dia de Expição, ou a purificação do santuário tipificada no Antigo Testamento.

Se olharmos superficialmente o desapontamento dos pioneiros, possivelmente chegaremos a conclusões apressadas. No entanto, uma análise mais atenta, dentro de uma moldura bíblica e profética, nos permite ver que esse não foi um acontecimento isolado e

sem sentido. Há inferência bíblica de que o desapontamento que os discípulos experimentaram com a morte de Jesus tem alguma semelhança com o dos mileritas em 1844, e ainda se reflete em nossos dias.

Os discípulos e os pioneiros

Tendo esperado ansiosamente ver Jesus ascender ao trono de Davi e estabelecer Seu reino, os discípulos O viram ser preso, açoitado, escarnecido, condenado e suspenso em uma cruz como malféitor. Diante disso, a decepção foi intensa. "Ora, nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel", foi o lamento de Cléopas (Luc. 24:21). E Ellen White diz: "Que desespero e angústia oprimia o coração dos discípulos durante os dias em que seu Senhor dormia no túmulo!"¹ E mais: "Após a morte de Cristo, ... o sol da esperança dos discípulos tinha declinado, e a noite havia descido sobre seus corações. ... Esmagados pelo desapontamento, angústia e desespero, os discípulos se reuniram no cenáculo e fecharam as portas. ..."²

Na crucifixão e morte de Cristo, a equivocada esperança de um reino terreno foi sepultada. Foi uma experiência

triste, mas carregada de significado e lições. Era um tipo do que iria ocorrer no futuro com os mileritas. "A experiência dos discípulos que pregaram 'o evangelho do reino' no primeiro advento de Cristo, teve seu paralelo na experiência dos que proclamaram a mensagem de Seu segundo advento. ... Assim como os discípulos estiveram em erro quanto ao reino a ser estabelecido no fim das setenta semanas, também os adventistas se enganaram em relação ao fato a ocorrer à terminação dos 2.300 dias."³

Tanto no desapontamento dos discípulos como no dos mileritas, "estavam a cumprir-se os desígnios da misericórdia infinita. ..."⁴ Estava certo Maxwell ao dizer que Guilherme Miller "não cometeu erro maior do que os discípulos quando imaginaram que as profecias previam a vinda de Cristo como um rei, no ano 31 a. D."⁵

Nos dias atuais

Além dos desapontamentos experimentados pelos discípulos e pelos mileritas, podemos identificar outro, menor, que é o dos adventistas nossos antepassados recentes, fiéis que receberam com alegria a mensagem do ad-

vento, mas foram ao descanso sem ver Jesus voltar em seus dias. O Senhor tem uma recompensa especial reservada para esses filhos Seus. E sabemos que Ele não falha. Em Seu amor e sabedoria, Deus planejou que tanto os adventistas mileritas como os atuais, que já descansam na sepultura, tenham o privilégio de participar de uma ressurreição especial.

Encontramos na Palavra de Deus a promessa da ressurreição dos justos – uma ressurreição geral (I Tess. 4:17; I Cor. 15:51 e 52). Segundo o profeta Daniel, “muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Dan. 12:2). E João diz: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até quantos O traspassaram” (Apoc. 1:7). Descrevendo o momento da vinda de Jesus, Ellen White escreve: “Abrem-se sepulturas, e ‘muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno’. Dan. 12:2. Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados, para ouvirem o concerto de paz, estabelecido por Deus com os que guardaram a Sua lei.”⁶

Recompensa e castigo

Por que haverá uma ressurreição especial? Em primeiro lugar, para que os fiéis filhos de Deus, guardadores da Sua lei e do sábado, que tanto desejaram a

segunda vinda de Cristo, possam ser recompensados. Eles dedicaram-se à pregação da verdade, mas, em sua maioria, descansaram sem ver a concretização de sua esperança. Agora, Deus lhes concede satisfazer o desejo maior do seu coração – ver o Salvador entre nuvens e anjos, em toda a Sua glória e majestade. Trata-se de um evento especial para todos os que descansaram “na fé da mensagem do terceiro anjo”.

Marvin Moore assinala que “haverá duas ressurreições, uma especial para todos aqueles que morreram entre 1844 e a segunda vinda de Cristo, e outra geral para todos aqueles que morreram ao longo das eras anteriores a 1844”.⁷ Na opinião de Wilson Endruweit, “a ressurreição especial não é uma invenção adventista, está claramente revelada na Palavra de Deus”.⁸ De fato, quando Ellen White fala sobre o assunto, cita Daniel 12:2. E Gerhard Hasel argumenta que “Daniel 12:2 está apontando para uma ressurreição especial”.⁹

Outra razão para a ressurreição especial é para que os zombadores e escarneadores, aqueles que traspassaram e humilharam a Cristo, possam receber a sentença pelas suas obras. “Os ‘mesmos que O traspassaram’ (Apoc. 1:7), os que zombaram e escarnearam da agonia de Cristo, e os mais obstinados inimigos de Sua verdade e povo, ressuscitam para contemplá-Lo em Sua glória, e ver a honra conferida aos fiéis e obedientes.”¹⁰

Se há desapontamentos, também há compensações. A tristeza que se abateu sobre os discípulos, na sexta-feira da crucifixão, foi revertida em alegria na manhã de domingo, quando Cristo ressuscitou. O

desapontamento de 22 de outubro de 1844 terá sua compensação maior com o glorioso retorno de Jesus à Terra. Como bem afirmou Sakae Kubo, “a cruz, a ressurreição e a ascensão de Jesus fazem da Sua vinda uma absoluta certeza”.¹¹

Estamos vivendo no fim do tempo do fim. O evangelho está sendo proclamado de forma gloriosa e efetiva. As profecias cumpridas e as condições do mundo nos indicam que estamos no limite do mais fantástico evento já visto por olhos mortais. “Assim se cumprirá a promessa de Cristo a Seus discípulos: ‘Virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo.’ João 14:3. A todos os que O têm amado e esperado por Ele, Ele coroará com honra, glória e imortalidade.”¹²

Maranata! **M**

Referências:

- 1 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 345.
- 2 _____, *Atos dos Apóstolos*, págs. 25 e 26.
- 3 _____, *O Grande Conflito*, págs. 351 e 353.
- 4 *Ibidem*, pág. 348.
- 5 Mervyn C. Maxwell, *História do Adventismo*, pág. 45.
- 6 Ellen G. White, *Eventos Finais*, págs. 271 e 272.
- 7 Marvin Moore, *El Desafío del Tiempo Final* (Miami, FL: A. P. Interamericana, 1993), pág. 262.
- 8 Wilson H. Endruweit, *Anotações de Classe de Teologia Sistemática II* (São Paulo, SP: Salt, 1989).
- 9 Raoul Dederen, S. D. A. *Theology*, vol. 12, citado por John C. Brunt, *Resurrection and Glorification*, pág. 360.
- 10 Ellen G. White, *Eventos Finais*, pág. 272.
- 11 Raoul Dederen, *Op. Cit.*, citado por Richard Lehmann, *The Second Coming of Jesus*, pág. 919.
- 12 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, pág. 34.





Divulgação

Trevor O'Reggio

Ph.D., diretor do programa de Mestrado em Artes e Religião na Universidade Andrews, Estados Unidos

Atualidade

Como desenvolver um ministério relevante e efetivo em meio a filosofias conflitantes

Pastoreando um mundo complexo

A sociedade encontra-se à mercê das ondas do secularismo. Marcos intelectuais e espirituais dignos, permanentes, parecem coisa do passado. A relatividade substituiu a constância e a certeza; a mudança parece a única constante. Em muitas mentes, Deus foi reduzido a nada. Já não é um Ser transcendente, todo-poderoso e pessoal, mas uma simples influência.

Verdades eternas que uma vez nortearam a sociedade são rejeitadas como mitos antiquados que nada têm a nos dizer. As pessoas estão em busca de si mesmas, porém a rejeição das verdades divinas torna sua busca infrutífera. A solidão é sentida mesmo nas grandes populações. Cônjuges vivendo juntos há anos são incapazes de preencher a necessidade mútua de companheirismo. Uma cosmovisão naturalista substituiu a teísta. Como disse o astrônomo Carl Sagan, "o cosmos é tudo o que é, foi e será".¹ A História é vista como uma série de eventos ou ciclos de ação sem destino definido. O certo e o errado já não estão enraizados no caráter de um Deus imutável. A verdade é o que os homens pensam, sentem e percebem.

O humanismo secular é a orientação prevacente no ensino de muitas escolas e universidades. Embora esse humanismo afirme princípios enraizados na tradição judaico-cristã, nega a veracidade da Fonte dessas idéias. Nele há lugar para pontos de vista pluralísticos e contraditórios. Mas os que abraçam tais contradições acabam se perguntando como poderiam integrar o confuso mundo de idéias resultante. Não surpreende que a humanidade sofra de um tipo permanente de esquizofrenia espiritual.

Cosmovisões seculares

Um *Manifesto Humano Secular* audaciosamente decreta: "Encontramos pouca evidência para crer na existência do sobrenatural. ... Como não-teístas, começamos com os humanos e não Deus; natureza, não deidade. A natureza talvez seja mais ampla e profunda do que conhecemos agora; porém, qualquer nova descoberta aumentará nosso conhecimento do natural. ... Mas não descobriremos nenhum propósito divino ou providência para a espécie humana. Embora não conheçamos tudo, os humanos são responsáveis

pelo que são ou serão. Nenhuma deidade nos salvará; devemos salvar-nos a nós mesmos."²

Junto com o naturalismo existe a filosofia Nova Era que influencia e desloca a religião tradicional. Stanley Krippner, cientista do sonho no Centro Médico Maimonides, em Nova York, escreve: "A Nova Era... chegou. Muitos que acreditavam em eventos parapsíquicos foram convencidos por experiência pessoal, não pela pesquisa. Hoje muitas pessoas estão tendo experiências que interpretam como paranormais. ... Mais e mais pessoas estão fazendo meditação, hipnose e usando drogas psicodélicas... estão prestando atenção ao sono e sonhos. Todas essas experiências provêm terreno fértil para eventos paranormais."³

Apesar dos avanços da tecnologia e da ciência, e a difusão do naturalismo na sociedade, as pessoas anseiam pelo sobrenatural e o paranormal. Desejam um estado alterado de consciência. A filosofia Nova Era declara que tudo e todos têm "essência divina" em si mesmos. Basta uma mudança de consciência para que desperte essa divindade inata. E as teorias da Nova Era estão

infiltradas nos campos da literatura, educação, lazer, esportes, artes, ciência e saúde.

Fala relevante

Como pastor, algumas vezes me sinto esmagado pelo desafio de falar com credibilidade, relevância e efetividade a pessoas afetadas por tais filosofias. Às vezes sou propenso a falar apenas a pessoas de minha cosmovisão. Mas tenho a responsabilidade de alcançar todos, e nem sempre sei como comunicar de modo que a minha fala cause o impacto desejado.

Nossa tarefa não é fugir do secular, mas do secularismo

Em minha luta para ser relevante nesta era de ceticismo, tenho em mente algumas idéias: 1) Minha mensagem precisa ser universal. 2) Devo falar às mais profundas necessidades das pessoas em todo lugar. 3) Devo responder às questões que todos enfrentam. 4) Devo apresentar Deus como o único capaz de preencher o vazio e dar estabilidade, paz, segurança e amor à vida humana. 5) Devo mostrar que a contínua difusão de guerras, imoralidade, pobreza e outros males somente prova a falácia do que é humano. 6) Minha vida deve ser exemplar. 7) Devo comprometer-me com a educação moral dos jovens, transmitindo a verdade à próxima geração.

Questões fundamentais

Pessoas de todos os tempos têm lutado com questões tais como: De onde vim? Para que estou aqui? Para onde vou? Filósofos e eruditos têm tentado respondê-las, e algumas vezes as respostas tocam vários aspectos da verdade. Mas ainda são limitadas, inadequadas e insuficientes. As pessoas continuam buscando significado, propósito e destino. Cada geração faz essa busca de maneira diferente, mas ela é sempre absorvente. É aqui que meu ministério se torna relevante.

Primeiro, se fui chamado para dar uma resposta satisfatória a tais questões, devo cumprir meu chamado. Pos-

so começar retratando a humanidade, como criada à imagem de um Deus amoroso que é transcendente, todo-poderoso, onipotente, mas presente e cuidadoso. Isso satisfará o desejo de muitos em conhecer sua origem.

Se eu puder descrever o fato de que fomos criados para a glória desse Deus, que Ele tem um plano para cada vida, e está voltando, talvez ajude a responder à pergunta quanto ao propósito e ao destino. Se eu conseguir, sei que devo fazê-lo de modo relevante e significativo em relação à fé que partilho ao mundo no qual me encontro.

Em segundo lugar, devo comprometer-me a ser testemunha de Deus. Sproul disse: "Nosso trabalho é tornar visível o reino invisível de Jesus. O mundo está coberto de trevas. Nada é visível nas trevas. Não surpreende que sejamos chamados para ser a luz do mundo. Cada um de nós tem uma missão. Fomos enviados a testemunhar de Cristo. Isso significa que somos missionários."⁴

Devemos nos identificar com as pessoas, como Jesus o fez. E então, alimentar o faminto, vestir o nu, abrigar o sem-teto, confortar o angustiado, partilhar esperança e encorajar o abatido de coração. Nossa força e nossa relevância não são encontradas em bem articulados dogmas de fé, mas em vidas motivadas pelo amor, purificadas do egoísmo, colocadas a serviço da humanidade.

No mundo, sem ser do mundo

Relevância não significa conformação cega ao mundo ou acomodação irresponsável às filosofias prevalecentes. Mas eu vivo no mundo, e não posso escapar da sua realidade. Nossa tarefa não é fugir do secular, mas do secularismo. Devemos abraçar o mundo e não a mundanidade. Jamais devemos promover o sincretismo, como alguns cristãos que tentam combinar cristianismo com secularismo.

Como advertiu Sproul, "se tentarmos fazer isso, o resultado será um grotesco híbrido. Será estéril, como uma mula, sem poder de reprodução. Se procurarmos fazer uma síntese entre cosmovisões radicais conflitantes, inevitavelmente vamos submergir uma na outra. O resultado de tal bastardização não será cristianismo nem secularismo. Se um cristão mergulha em secularismo, sua visão já não é cristã. Se

um secularista imerge no cristianismo, já não é secularista".⁵

Nossa relevância deve estar fundamentada nos imutáveis e eternos princípios da revelação de Deus na Bíblia, cujo clímax é a Palavra feita carne na pessoa de Jesus Cristo. A revelação especial de Deus nas Escrituras é nossa fonte primária. Esse conhecimento e experiência devem ser nosso ponto de partida. Sim! Porque os seres humanos ainda necessitam de Deus, como necessitavam desde o início da História. Apesar das nossas falhas e a supressão de nossa espiritualidade, temos uma necessidade que somente Deus pode preencher. As pessoas em qualquer lugar ainda querem conhecer um Deus a quem possam amar e em quem possam confiar. Deus, o Criador, escreveu isso em cada fibra do nosso ser.

Meu papel, então, como pastor e pregador, é apresentar a mensagem de um Deus amoroso, por palavra e exemplo, de modo que as pessoas vejam a Sua realidade, sintam necessidade dEle e O busquem para satisfazer-se.

Relevância e autenticidade

Levar significado e relevância a um mundo incrédulo requer vida exemplar. Não deve haver dissonância, nem entrelchoque de valores. Não deve haver falha entre o que eu digo e o que faço. Tanto quanto possível, meus valores apregoados e praticados devem ser os mesmos. Minha vida deve seguir o modelo de Jesus, tão intimamente quanto possível. Minha religião deve ser autêntica.

Um sermão vivo é o melhor sermão. Na verdade, ele não é proclamado a menos que seja acompanhado por uma vida cristã autêntica. Tal autenticidade ou integridade pessoal tem muito a ver com a relevância de nossa proclamação do evangelho.

O poder de uma vida cristã bem vivida levará o mais determinado ateu a considerar a possibilidade da existência de Deus, mesmo quando ele não possa ser influenciado por argumentos racionais. **M**

Referências:

¹ Carl Sagan, *Cosmos* (Nova York: Random House, 1980), pág. 4.

² <http://www.americanhumanist.org/about/manifesto2.html>

³ Stanley Krippner, em W. James Sire, *The Universe Next Door* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1976), pág. 159.

⁴ R. C. Sproul, *Lifeviews* (Grand Rapids: Fleming H. Revell, 1986), pág. 38.

⁵ R. C. Sproul, *Op. Cit.*, pág. 38.



Divulgação

Roy Gane

Ph.D., professor de hebraico no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Doutrina

No repouso sabático estão incorporados princípios de redenção e de relacionamento divino-humano

O sábado e a nova aliança

Muitos cristãos acreditam que quando a velha aliança do Antigo Testamento deu lugar à nova aliança do Novo Testamento, a lei da antiga aliança tornou-se obsoleta. Isso os leva a crer também que a observância do sábado literal, da maneira como é expressa no quarto mandamento, já não é relevante nos dias atuais.

Essa concepção tem sido adotada por um grande número de cristãos, entre os quais acham-se aqueles que entendem não estarem obrigados a observar qualquer dia em particular, e aqueles que projetam alguns aspectos do sábado sobre o domingo, a fim de tornar “cristão” o primeiro dia da semana.¹

O que nos revelaria um olhar equilibrado sobre algumas passagens bíblicas significativas, a respeito desse tópico freqüentemente controverso?

Ondas de graça

A partir das Escrituras e observando o quadro mais amplo, qualquer pesquisador pode ver que os concertos divinos estão unificados e funcionam como fases de desenvolvimento no plano global de Deus.² Cada uma dessas fases repre-

senta uma parte de um programa unificado de revelação. A promulgação ou a primazia de uma não anula nem subordina a outra; pelo contrário, cada uma suplementa a anterior.³

Na nova aliança profetizada em Jeremias 31, todos os propósitos do compromisso de Deus com o Seu povo – preservação, promessas e lei – encontram seu clímax em Jesus Cristo, que é Sacerdote (Heb. 7-10) e Rei (Apoc. 19:11-16).

Assim, podemos ver que as fases cumulativas da aliança eterna de Deus produz ondas de graciosas iniciativas divinas através dos tempos do Antigo Testamento e alcança o Novo Testamento. Aí a compreensiva culminância na revelação final e verdadeiramente efetiva do sacrifício de Jesus Cristo deságua sobre a raça humana em uma intensa maré de graça.

Semelhantemente à nova aliança, os concertos do Antigo Testamento estavam fundamentados sobre a graça e não sobre a lei. Por exemplo, somente após Deus haver libertado Noé e sua família foi que Ele formalizou ou ratificou um concerto com eles, em cujo processo estabeleceu algumas condições ou leis (Gên. 8:20-9:17). Assim

sendo, as leis foram estabelecidas para indivíduos que já haviam sido salvos pela graça, ou seja, a efetiva intervenção do próprio Deus (Êxo. 19:3-6; 20:2). Desde a queda, a única maneira de salvação é pela graça através da fé (Efés. 2:8) na semente de Eva (Gên. 3:15), que é Jesus Cristo (Gál. 3:16).

A distinção que Paulo faz entre estar “debaixo da lei” e “debaixo da graça” em Romanos 6:14 e 15, tem a ver com o estado de pessoas que estão sob condenação, pela lei, ou livres de condenação, através de Cristo.⁴ Essa distinção não é entre duas dispensações diferentes. Os dois estados tanto poderiam caracterizar pessoas que viveram na era do Antigo como na do Novo Testamento.

E mais, de acordo com Paulo, Cristo eclipsou a Torah mosaica no sentido de que Ele é uma revelação mais gloriosa, efetiva, completa e adequada do caráter de Deus (II Cor. 3). Cristo não substituiu a santa, justa, boa e espiritual lei de Deus (Rom. 7:12 e 14) como um meio de salvação do pecado, simplesmente porque Deus nunca ofereceu salvação com base na lei.⁵

Princípios duradouros

Tanto na Bíblia como nas alianças e tratados firmados em qualquer lugar do Oriente Próximo, as leis operam na moldura do concerto.⁶ Se aceitamos que Deus é a suprema autoridade em toda a Bíblia (II Tim. 3:15-17), e reconhecemos que Suas alianças são cumulativas, evidentemente as leis dadas em conexão com as fases do concerto do Antigo Testamento deveriam, de algum modo, informar sobre a nossa conduta.

Algumas leis bíblicas, tais como os Dez Mandamentos e muitas dentre as leis civis como, por exemplo, a que se encontra em Deuteronômio 22:8 e que ajuda a proteger alguém de cair do terraço, podem ser aplicadas hoje de maneira direta ou indireta. A exceção é o fato de que a disciplina eclesiástica substitui as penalidades civis administradas sob o antigo sistema judicial israelita. Muitas leis são aplicáveis em princípio, mesmo quando as peculiaridades culturais não se aplicam (Êxo. 21:33 e 34).

Também existem outras leis que não podem ser observadas, se não houver uma instituição social, que as regulamentem. Esse é o caso da lei do levirato (Deut. 25:5-10). As leis rituais, dependentes e centralizadas nas funções do santuário terrestre e do templo, como lugar da habitação de Deus, já não são aplicáveis porque tais instituições passaram. Desde a ascensão de Cristo, nosso culto é focalizado na direção do santuário de Deus no Céu (Heb. 8-10). Entretanto, podemos enriquecer nossa compreensão do relacionamento de Deus com os seres humanos, através do estudo das leis rituais do Antigo Testamento, na medida em que elas se relacionam ao santuário hebraico.

Embora a circuncisão fosse uma lei ritual (Gên. 17), ela existia antes do santuário ou do sistema cúltico do templo, e não dependia disso. Desse modo, a destruição do templo, no primeiro século a. D., não remove a possibilidade de que a circuncisão pudesse ser um requerimento contínuo. Sua revogação está baseada em outro princípio: o ato de pertencer à fase “novo concerto” não exige etnia israelita (Atos 15).

Mas não haveria, porventura, um critério único que pudesse ser usado para determinar se uma lei deveria ou não ser guardada hoje? Eu gostaria de propor a seguinte regra: *Uma lei bíblica deveria ser observada na extensão em que seus princípios possam ser aplicados, e a*

menos que o Novo Testamento remova a razão para tais aplicações. Dessa maneira, concordo basicamente com Gordon Wenham, quando ele diz que “os princípios subjacentes no Antigo Testamento são válidos e autoritativos para o cristão, mas as aplicações particulares ali encontradas podem não ser”.⁷ Essa abordagem é contrária à de Douglas Moo, para quem “nós estamos ligados apenas àquilo que está repetidamente claro no ensino do Novo Testamento”.⁸

Quatro aspectos sabáticos

Categorias de leis tais como civis, sanitárias, morais e cerimoniais, que implicam a extensão na qual uma determinada lei permanece aplicável, são classificações analíticas pós-bíblicas, e uma lei pode caber em mais de uma dentre essas categorias. Nada existe no texto bíblico que coloque explicitamente as leis do sábado em uma ou outra categoria, e devemos admitir a possibilidade de que elas pertençam a mais de uma. Na verdade, várias leis envolvendo o sábado podem ser vistas como pertencentes às quatro classificações.

Morais. Em Êxodo 20:8-11 e Deuteronômio 5:12-15, Deus ordena a cessação do trabalho no sétimo dia, sábado, no contexto dos Dez Mandamentos. Os outros nove mandamentos são claramente morais em sua natureza, e não existe uma razão imperiosa para fixar o repouso sabático como essencialmente cerimonial.

Com respeito aos cristãos para os quais “o lugar do requerimento do sábado significa que ele deve ser visto como uma lei normativa moral obrigatória para todas as pessoas, da mesma forma como o restante do Decálogo”, A. T. Lincoln pontua:

“Os que argumentam dessa maneira mas aplicam o quarto mandamento ao domingo, o primeiro dia da semana, certamente não são coerentes como aqueles grupos, tais como os adventistas que ainda observam o sétimo dia. Eles devem enfrentar honestamente essa incoerência. Afinal com que direito falsificam uma lei moral eternamente válida? Que critério lhes permite isolar o aspecto do sétimo dia, que depois de tudo é o coração do mandamento e seu fundamento (Êxo. 20:11), com uma característica temporária pertencente apenas ao período mosaico, enquanto conservam o restante do

Decálogo como normativo por todos os tempos. ... Se a lei mosaica foi designada para ensinar o princípio do repouso em um dia, em lugar do repouso do sétimo dia, poderíamos esperar que ela também providenciasse um dia diferente de repouso para os sacerdotes (Núm. 28:9 e 10), mas não o fez.”⁹

Sanitárias. Em Êxodo 23:12, o benefício do repouso sabático deve incluir um componente físico, porque ele contempla tanto animais como seres humanos.

Civis. Sob a teocracia israelita, um homem que fosse flagrado violando o sábado, acendendo fogo nesse dia, era apedrejado até à morte pela comunidade, segundo o mandamento de Deus (Núm. 15:32-36).

Cerimoniais. No antigo santuário israelita, os ritos especiais levados a efeito no sábado honravam de modo muito compreensível a sua santidade (Lev. 24:8; Núm. 28:9 e 10).

Objecções

Vemos assim que o sábado está envolvido com leis pertencentes às quatro categorias. Os papéis moral e sanitário do repouso sabático são eternos e permanecem mesmo quando as peculiaridades cerimoniais e civis expiram. Desse modo, a suspensão dos trabalhos no sétimo dia deveria ser observada na extensão em que seus princípios possam ser aplicados. Examinaremos essa conclusão considerando algumas objeções potenciais:

1. A observância do sábado foi ordenada apenas para israelitas literais.

Não há relato bíblico explícito no sentido de que o requerimento para observância do sábado tenha sido expressamente formulado como uma lei, antes de Deus ordenar que os israelitas o honrassem (Êxo. 16; 20). Mas, quem disse que um dever divinamente ordenado não existe até, ou a menos, que Deus o ordene na forma de uma lei?¹⁰ Se isso fosse verdade, por que deveria o Senhor ter considerado Caim culpado por assassinar seu irmão (Gên. 4)?

Nos primeiros capítulos de Gênesis, o sábado é mencionado pela primeira vez. No sétimo dia da semana da Criação, Deus, por Seu exemplo, instituiu a cessação restauradora do trabalho para benefício de todos os seres humanos (Gên. 2:2 e 3; Êxo.

31:17). E Jesus confirmou isso quando disse que o sábado foi feito por causa da humanidade – *anthropos* – e não a humanidade por causa do sábado (Mar. 2:27).

O sétimo dia é o “aniversário do mundo”, que não pode ser mudado porque celebra um evento histórico já ocorrido em um ponto no passado,¹¹ muito antes de a nação de Israel vir à existência. O sábado também significa dependência dAquele que criou e santifica os indivíduos (Êxo. 31:13 e 17), e que mantém vivos todos os seres humanos (Dan. 5:23; Jó 12:10; Sal. 114:14 e 15; 145:15 e 16). Em virtude de que Deus será sempre nosso Criador e Mantenedor, o significado básico do repouso sabático do sétimo dia, que encapsula esse relacionamento divino-humano,¹² não pode se tornar obsoleto enquanto os seres humanos habitarem o planeta Terra.

“Nem o antinomianismo nem o dispensacionalismo podem remover a obrigação do cristão hoje de observar a ordenança que vem desde a criação quanto ao sábado. A ausência de qualquer mandamento explícito concernente à observância do sábado antes de Moisés não relega o princípio sabático a uma legislação temporária. ... Deus abençoou o homem, livrando-o da escravidão do trabalho, através do sábado.”¹³

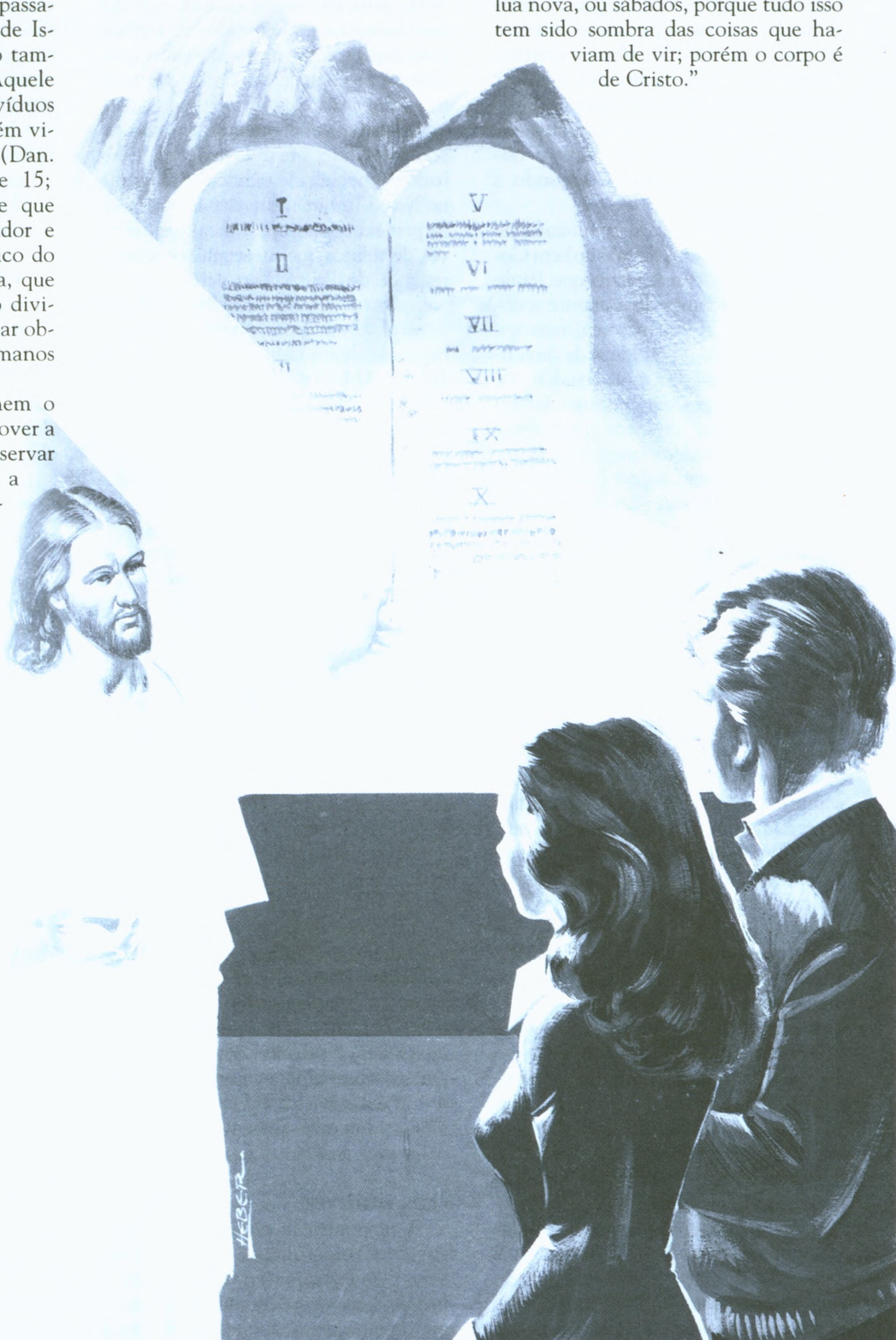
2. A observância do sábado literal já não é relevante, porque foi um símbolo temporário do “repouso” cristão.

Alguns imaginam encontrar apoio para essa suposição em Hebreus 4, onde o descanso sabático simboliza uma vida de repouso do evangelho, envolvendo todos os dias da semana, o qual resulta da crença e aceitação de Deus. Entretanto, um tipo histórico/horizontal como o sistema sacrificial israelita prefigura alguma coisa no futuro, a qual constitui

seu antítipo. Quando aparece o antítipo, o tipo torna-se obsoleto. Em Hebreus 4, o “repouso” de Deus não aparece subitamente para os cristãos. Ele sempre esteve disponível mas não foi plenamente apropriado nos tempos do Antigo Testamento, por causa da descrença.¹⁴ Justamente porque ele estava

disponível ao mesmo tempo em que o sábado semanal estava em operação para os israelitas, esse sábado não pode ser apenas um tipo histórico da vida de repouso.

Em Colossenses 2:16 e 17, se lê: “Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo.”



No verso 17, a palavra “sombra” – traduzida do grego *skia* – significa “tipo temporário”. Os intérpretes comumente supõem que os “sábados” mencionados no verso 16 funcionavam como símbolos temporários.¹⁵ Entretanto, o assunto em discussão aqui é que, a despeito da vitória de Cristo e a remoção da condenação contra os pecadores através da cruz (vs. 13-15), alguns cristãos primitivos eram inclinados a julgar outros (Rom. 14:3) por não se engajarem nas práticas ascéticas, as quais envolviam questões de dieta e observância de dias santos, segundo a sua filosofia.

Qualquer que seja o significado de *sabbaton* (se sábados ou sábado) em Colossenses 2:16, parece claro que Paulo não está abordando diretamente a observância da Torah mosaica, mas seu mau uso dentro da moldura de uma filosofia enganosa. Em Colossos, havia o costume de se guardar dias sagrados em homenagem aos “espíritos elementares do universo”, poderes que supostamente dirigiam o curso das estrelas e regulavam a ordem do calendário. Paulo não está condenando a observância de dias sagrados. É ao motivo errado que ele se refere, ou seja quando a observância desses dias está ligada ao reconhecimento de espíritos elementares.¹⁶

Ao lado disso, ele não poderia estar condenando o sábado semanal do quarto mandamento, porque esse não é um símbolo temporário. Deus o instituiu antes da queda (Gên. 2:2 e 3). Assim, não foi um dos símbolos pós-lapsarianos estabelecidos para levar os seres humanos à salvação do pecado.

3. O sábado é como a circuncisão (Atos 15), que teve a razão de sua observância removida pelo Novo Testamento.

É justamente o contrário. O princípio de repouso do sábado não cerimonial não é mencionado como tendo sido ab-rogado ou alterado, em Atos 15 ou em qualquer outro lugar no Novo Testamento. Além disso, ao restaurar a santidade interior e obediência do coração através do Espírito Santo (Jer. 31:31-34; Ezeq. 36:25-28), a nova aliança restaura o sábado em seu verdadeiro significado.

O sábado aponta para uma realidade viva: As pessoas que permitem a operação divina da santificação em sua vida honram ou santificam esse dia especial. Devido a que essa atitude

significa que elas estão imitando o caráter de um Deus santo, que é amor (Lev. 19:2 e 18; 1 Tess. 3:12 e 13; 1 João 4:8), o fato de o sábado também ser um sinal de santificação (Êxo. 31:13 e 17; Ezeq. 20:12) implica que ele é uma celebração de santo amor.

Charles L. Feinberg argumentou que “todo princípio moral contido nos dez mandamentos foi reiterado sob a graça, pelo Espírito, em forma de exortação, com a única exceção... do mandamento para guardar o sábado”.¹⁷ Mas, com essa declaração, ele demonstra não ter compreendido a realidade de que o sábado é especial: ele também é reiterado no Novo Testamento, não simplesmente por exortação apostólica, mas através de relatos que mostram o exemplo repetido de Cristo (Luc. 4:16).

Jesus foi alvo de controvérsia por parte dos judeus ao realizar curas durante o sábado (Mar. 3:1-6; João 5:2-18; 9:1-41). Agindo assim, Ele libertou indivíduos do sofrimento e mostrou que o real propósito do sábado era o bem-estar da humanidade (Mar. 2:27). Sua cura recriadora revela o coração do novo concerto e realça o aspecto redentor do sábado, conforme expresso na versão do Decálogo apresentada em Deuteronômio (Deut. 5:15).

Jesus Cristo afirmou que uma vez que o sábado foi feito para o homem, “o Filho do homem é Senhor também do sábado” (Mar. 2:28). Esse divino senhorio sobre o sábado era parte das Suas reivindicações como o Messias. Considerando que o sábado foi feito para o homem, e não o contrário, o homem não pode usá-lo como lhe aprouzer. Assim, nessa declaração, utilizada hoje por muitos cristãos como liberando-os da lei sabática, Cristo na verdade liga Seus seguidores mais definitivamente a ela.¹⁸

Durante Seu ministério, Jesus mostrou aos cristãos como viver sob o novo concerto. Por que deveria Ele reivindicar o sábado como Seu e ordenar sua observância como dia sagrado, se iria extingui-lo? Tal atitude faz tanto sentido como alguém querer demolir uma casa antes de demoli-la.

Três motivos

A nova aliança ratificada pelo sangue de Cristo culmina a iniciativa de Deus para restaurar um relacionamento íntimo com os seres humanos. Ela cumpre o plano de longo alcance da graça,

ao invés de repelir radicalmente tudo o que foi feito antes. A lei divina existe para o benefício das partes envolvidas nesse relacionamento de concerto.

O mandamento de Deus para repousar das atividades seculares no sétimo dia da semana incorpora um princípio que protege o relacionamento divino-humano, conforme é mostrado por sua inclusão nos Dez Mandamentos. Ao mesmo tempo, o repouso do sábado provê um contínuo benefício físico, mental e espiritual.

Os cristãos modernos devem continuar observando o repouso sabático do sétimo dia, como parte de sua experiência com a nova aliança. Esse pensamento é apoiado por três principais fatores:

- O sábado é universal, e não é limitado apenas a Israel.
- O sábado é perpétuo, e não um simbolismo temporário.
- A nova aliança confirma e restaura o coração do sábado e sua verdadeira observância. **M**

Referências:

- 1 João Paulo II, “Apostolic Letter *Dies Domini* of the Holy Pope John Paul II to the Bishops, Clergy and Faithful of the Catholic Church on Keeping the Lord’s Day Holy”, 5 de julho de 1998.
- 2 O. Palmer Robertson, *The Christ of the Covenants* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1980), pág. 28.
- 3 John H. Walton, *Covenant: God’s Purpose, God’s Plan* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), pág. 49.
- 4 J. H. Gerstner, *The International Standard Bible Encyclopedia*, sobre João 1:17, vol. 3, pág. 88.
- 5 Brad H. Young, *Paul the Jewish Theologian: A Pharisee Among Christians, Jews, and Gentiles* (Peabody, MA: Hendrickson, 1997), pág. 91.
- 6 O. Palmer Robertson, *Op. Cit.*, págs. 170 e 171.
- 7 Gordon Wenham, *The Book of Leviticus* (New International Commentary on the Old Testament; Grand Rapid, MI: Eerdmans, 1979), pág. 35.
- 8 Douglas Moo, *Five Views on Law and Gospel* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), pág. 376.
- 9 A. T. Lincoln, *From Sabbath to Lord’s Day*, pág. 355.
- 10 Willmore Eva, *Ministry* julho de 1999, págs. 5 e 6.
- 11 Herold Weiss, *Catholic Biblical Quarterly*, 58 (1996), pág. 688.
- 12 Umberto Casuto, *A Commentary on the Book of Exodus* (Jerusalém: Magnes, 1967), pág. 244.
- 13 O. Palmer Robertson, *Op. Cit.*, págs. 68 e 69.
- 14 Herold Weiss, *Op. Cit.*, pág. 683.
- 15 F. F. Bruce, *The Epistle to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984), págs. 114-117.
- 16 Peter O’Brien, *Colossians and Philemon* (Waco, TX: Word Books, 1982), pág. 139.
- 17 Charles L. Feinberg, *Biblioteca Sacra* 95 (1938), pág. 187.
- 18 J. H. Gerstner, *Op. Cit.*, pág. 86.



Fredrick Russell

Pastor em Baltimore,
Estados Unidos

Testemunho

*O que
Deus faz
por um pastor
que Lhe
entrega
o coração,
sem reservas*

Um caso de despojamento

Era uma gélida e nevada tarde de sexta-feira, oito anos atrás, quando chegamos a Baltimore. A cidade inteira fora atingida pela mais forte nevasca daqueles anos. E eu, minha esposa, Brenda, e nossos filhos nos perguntávamos se as ruas estariam limpas da neve na manhã seguinte, para que chegássemos à igreja onde eu seria apresentado como o novo pastor. Estávamos curiosos e apreensivos ao mesmo tempo – sentimentos normais de uma família pastoral naquela situação.

Aproximadamente um mês antes, decidimos aceitar o chamado para a igreja *Miracle Temple*. Com seis anos na igreja anterior, sentimos que era tempo de mudar. Havia um agradável sentimento de missão cumprida, mas também havia algo de indefinição. Até então, nunca tínhamos ouvido falar daquela igreja. O presidente da Associação a descrevera como tendo um “grande potencial”. Depois fiquei sabendo que ela seria a menor que eu já havia pastoreado; mas dei minha palavra, imaginando que em poucos anos seria transferido para outra, maior.

A incrível realidade

No sábado pela manhã, nos dirigimos

ao bairro onde a igreja estava localizada, seguindo a orientação dada pelo primeiro ancião, na noite anterior. Dizer que fiquei chocado pelo que vi, ao chegar, pode ser uma afirmação incompleta. Baltimore tem uma arquitetura bem planejada. Mas a região da igreja não parecia ter a atenção dos modernos arquitetos. A estrutura habitacional parecia sólida, mas abandonada. Muitas casas de tábuas, e outras tinham se tornado a tela dos pichadores.

Estacionamos o carro junto a um banco de neve e, enquanto nos dirigíamos para o templo, dois ou três diáconos limpavam a rua para facilitar o acesso. O edifício era de tijolo vermelho, com dois pisos, ocupando uma esquina. Uma placa mostrava a data da construção: 1866, um ano depois da guerra civil americana. Na verdade foi comprado de outra denominação mais de 20 anos antes.

Fomos calorosamente cumprimentados por alguns irmãos, mas levou algum tempo até que os diáconos entendessem que eu era o novo pastor. Enquanto isso, eu estava submerso nas minhas primeiras impressões sobre aquele lugar. O prédio era muito velho. Era óbvio que foram feitas algumas tentativas para melhorar as coi-

sas, mas ainda estava escuro e sujo. O saguão do banheiro era forrado por um tapete vermelho estragado e tinha pouca iluminação. O pequeno santuário ficava no segundo piso. No primeiro, ficavam as salas dos departamentos. Havia outras duas salas no fundo, ao lado de uma cozinha.

Os diáconos mostravam as dependências, com certa satisfação, e eu ficava mais depressivo. Brenda levou as crianças para a Escola Sabatina e eu fui procurar o presidente da Associação, que deveria apresentar-me. Desejei que ele viesse me dizer que havia um engano, que minha igreja era outra. Mas, por causa da neve, ele chegou atrasado, de modo que eu tive de me apresentar.

O que você diria sobre si mesmo em tal situação? “Vocês são privilegiados em me receber como pastor. Minha esposa me considera um pastor talentoso. Vim ser pastor aqui, mas simplesmente gostaria de fugir”? Não falei assim, mas em virtude do meu estado mental, ou, do meu ego ferido, senti exatamente isso.

Orgulho atingido

Nem sempre o indivíduo percebe o ego e orgulho próprios. No pastorado,

essa dificuldade pode ser maior, por causa da capa de espiritualidade sobre muito do que fazemos ou dizemos. Isso é especialmente verdade quando estão envolvidas questões de tamanho e número. Por mais incômodo que pareça, o sucesso pastoral continua a ser definido nos seguintes termos: Qual o tamanho de sua igreja? Quantos batismos realizou? Qual o percentual de crescimento financeiro? Embora haja exceções, muitos pastores admitirão, em seus momentos mais vulneráveis, que sua auto-estima está ocasionalmente ligada a essas questões.

Os psicólogos falam de executivos como tendo “ansiedade extra”; um sentimento de que todo ano deve ser melhor que o anterior. Os pastores também alimentam esse sentimento, junto com a idéia de que a próxima igreja deve ser maior que a anterior. E quando isso não acontece, o orgulho ministerial pode ser atingido.

Meu “orgulho pastoral” não foi apenas atingido em meu primeiro dia no *Miracle Temple*; foi assaltado. Tudo ao meu redor era um claro sinal de que eu vivia uma situação sem perspectiva, em uma parte ruim da cidade, com uma congregação pequena, num templo que já tivera seus melhores dias. Para completar, eu estava contrariado com Deus, com o presidente da Associação e qualquer outro responsável por eu estar ali.

Finalmente, o longo dia de pregação e reunião com a igreja, durante o qual eu tentei não mostrar meu desapontamento, acabou. Voltamos para o hotel, o lugar onde iniciamos o dia com tanta esperança e expectativa. Depois que Brenda colocou as crianças para dormir, nos sentamos completamente atordoados com aquilo tudo. Ela tentou fazer sua costumeira busca de um “revestimento de prata” naquela situação, mas dessa vez ela mesma achou difícil. Então nos ajoelhamos. Ela orou e eu chorei.

Deus e eu

Na manhã seguinte, eu precisava recuperar o equilíbrio perdido diante das surpresas do dia anterior. Telefonei para alguns amigos, em busca de perspectiva e encorajamento. Todos eles se esforçavam para realçar o lado positivo do que eu lhes descrevia.

Passei a ter um crescente sentimento interior de que Deus queria fazer alguma coisa em mim, e, certamente, estava agindo através do sofrimento.

O que eu não sabia naquele momento era que eu estava travando uma luta “mano-a-mano” com Ele, e ela não tinha a ver com meu desapontamento com a nova igreja. Ele estava empenhado em assumir o controle da minha vida e meu ministério, para o bem de ambos; e o *Miracle Temple* era apenas um instrumento em Suas mãos. O Senhor estava trabalhando para o total desarmamento do meu orgulho, egoísmo e confiança própria. Ele tentara fazer isso antes, mas eu sempre me armava de novo. Era essencial que eu não resistisse dessa vez.

Deus queria me usar tanto que estava me fazendo descer de um pedestal para me levar a um futuro com que eu mal podia sonhar. Todos os grandes líderes da Bíblia passaram por caminhos dolorosos antes de serem usados por Deus, em um processo de despojamento. Depois experimentaram o favor divino, de tal maneira que seria impossível antes do sofrimento. Isso ocorreu a Moisés, a Davi, a Pedro, a Paulo e a muitos outros, sempre no lugar escolhido por Deus. Para mim era o *Miracle Temple*.

A renição

Três semanas depois, eu estava na sala pastoral da igreja. Havia excrementos de ratos na escrivaninha, as paredes estavam descascando e a sala era fria. Olhando pela janela, observei que sujeira e areia reclamavam seu espaço, após a nevasca. Para onde eu olhasse havia lixo. Senti-me como os seguidores de Neemias diante da aparentemente inglória tarefa de reconstruir os muros de Jerusalém: viram as ruínas e desanimaram.

Eu ainda estava muito desanimado pelo que tinha visto durante as três semanas anteriores, enquanto analisava o potencial da igreja. As pessoas pareciam bastante calorosas e amigáveis, mas eu não estava seguro sobre onde poderia contar com elas. Sabia que deveria permanecer ali pelo menos uns dois ou três anos. Assim, tentei conformar minha mente com a idéia de que poderia fazer o suficiente para manter a igreja, até que fosse transferido para uma congregação mais “expressiva”.

Essa atitude era contrária a tudo o que eu pensava do ministério, ao que eu sabia que deveria fazer, e Deus não iria me deixar ir longe com ela. Naquele momento, eu estava entrando em um lugar com Deus, no qual nun-

ca estivera antes. Realmente senti Deus falando ao meu espírito de uma forma tão real que quase me assustou. Ouvi-O falar sobre o egoísmo da minha atitude; minha ânsia de estar sempre no topo; o meu orgulho e minha proverbial independência dEle.


Naquele breve momento, vi trevas em meu coração, e não gostei do que Deus estava me mostrando. Ali, tive um vislumbre de que Deus tomaria minha vida e me levaria por uma jornada inimaginável. Fiz uma oração simples: “Senhor, dá-me uma visão para o *Miracle Temple*, e eu investirei nela tudo o que tenho!” Subitamente fui tomado por uma doce paz. Tive a certeza de que tudo estava acontecendo segundo a vontade de Deus, e acabaria bem.

Oito anos depois

Os últimos oito anos têm sido emocionantes. Deus me tem ensinado diariamente, nutrindo-me na dependência dEle e convencendo-me do valor de buscar Sua face, cedo pela manhã. A oração se tornou inegociável para mim. Desejo profundamente estar mais e mais com Deus, e sei que Ele deseja estar comigo. Finalmente estamos na mesma página. Ainda luto algumas vezes com a sujeira do coração, mas estou mais atento e confesso meu orgulho quando ele surge em meu espírito.

Suplico a Deus para realizar o processo de despojamento em minha vida; abatendo-me para me reconstruir à Sua maneira. Lutei com Deus e, felizmente, “perdi”. Tal como Jacó e Paulo descobriram, quando lutamos com Deus e “perdemos”, nos tornamos realmente vencedores. De acordo com Paulo, “porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza... quando sou fraco, então, é que sou forte” (II Cor. 12:9 e 10).

Meu ministério no *Miracle Temple* superou todas as expectativas iniciais. A igreja cresceu rapidamente. Depois de oito anos, mudamos para um novo endereço. Pela graça de Deus, a igreja tem cumprido plenamente sua missão salvadora interna e externamente. Deus nos tem conduzido por uma jornada incrivelmente bela.

Sei que estou onde Deus quer que eu esteja agora. Ele me tem ensinado, através de Sua Palavra, que para crescer em Seu favor, três coisas devem ocorrer: 1) Não acariciar pecado em minha vida; 2) caminhar em obediência à Sua Palavra; e 3) andar humildemente diante dEle. 



Rafael Luiz Monteiro

D. Min., pastor na Associação Baixo-Amazonas, Belém, PA

Missão

“Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos”

Até aos confins da Terra

O livro de Atos dos Apóstolos contém uma das mais impressionantes mensagens a respeito do crescimento eclesial. Na verdade, o livro relata o início da Igreja cristã, e suas páginas exalam fervor missionário. Elas transmitem não apenas mensagens de grande impacto missiológico, mas refletem a mente de Deus para fazer Sua Igreja crescer e, dessa maneira, alcançar o mundo com o evangelho.

As pessoas que transitam pelo livro de Atos são pessoas reais, com sua própria história e cultura. Através delas Deus vibra e alcança o coração de muitas gerações, transtornando o mundo com a “loucura da pregação” da fé cristã. São necessários apenas alguns textos, para visualizarmos essa dinâmica.

“Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas” (Atos 2:41). “Enquanto isso, acrescentava-lhes o Se-

nhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (Atos 2:47). “Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil” (Atos 4:4). “Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (Atos 4:33).

“Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos. ... E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres...” (Atos 5:12-14). “Contudo, encheistes Jerusalém de vossa doutrina” (Atos 5:28). “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (Atos 5:42). “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (Atos 6:7). “E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele [Estevão] falava” (Atos 6:10).

“Os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra. ... As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava. Pois os espíritos imundos de muitos possesos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquela cidade” (Atos 8:4-8). “Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres” (Atos 8:12).

“A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número” (Atos 9:31). “Isto se tornou conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor” (Atos 9:42). “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, cren-do, se converteram ao Senhor” (Atos

11:21). “Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna. E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região” (Atos 13:48 e 49).

“E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia” (Atos 14:21). “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé, e dia a dia aumentavam em número” (Atos 16:5). “Alguns deles foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres” (Atos 17:4). “Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; por-

No crescimento da igreja primitiva, a qualidade acompanhava a quantidade

quanto Eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade” (Atos 18:9 e 10).

“Chegou este fato ao conhecimento de todos, assim judeus como gregos habitantes de Éfeso; veio temor sobre todos eles, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido. Muitos dos que creiam vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras. ... Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente” (Atos 19:17-20). “... Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas. Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia...” (Atos 28:23 e 24).

A exposição de Lucas

Atos é uma apresentação clara, persuasiva e intrigante dos resultados do ministério discipulador de Jesus, ao longo de três anos e meio. Na leitura desses textos, percebe-se a expansão da mensagem do evangelho primeiramente entre os judeus, em seguida, os samaritanos e, de-

pois, os gentios. O enfoque é dado à propagação da Palavra a cada pessoa, grupo e lugar. Junto com o crescimento numérico, Lucas enfatiza o crescimento espiritual da Igreja. Esse fato é realçado com a finalidade de ensinar que, antes de qualquer empreendimento missionário de curto, médio ou longo alcance, é necessário elaborar um plano de fortalecimento espiritual dos crentes, algo que torne real a transformação interior do indivíduo e da congregação, realizada pelo Espírito Santo.

É comum encontrarmos no livro de Atos a expressão “cheio do Espírito”, o que demonstra a realidade espiritual em que viviam os membros da comunidade cristã. Lucas também destaca a graça de Deus na vida dos crentes, a comunhão mútua e o impacto dessa nova vida na sociedade que os rodeava. Através da comunidade de santos, Deus estava operando sinais e prodígios, repetindo os feitos do Êxodo hebreu do Egito, sob a liderança de Moisés. Em várias oportunidades houve curas, expulsão de demônios e milagres. Lucas não encobre os problemas decorrentes do crescimento, nem a oposição contra o avanço da causa.

O crescimento da comunidade cristã primitiva como um todo era o reflexo do crescimento de igrejas plantadas em muitos lugares do Império Romano. Esse foi o método mais rápido e fácil para efetivar o avanço da Causa de Deus. Plantar igrejas é, na verdade, a grande sugestão para os dias atuais.

O anúncio do reino de Deus, o discipulado, o ensino apostólico, a visitação de casa em casa, a obediência, a incorporação por meio do batismo, ordem e disciplina, a escolha de líderes, viagens com propósitos missionários, plantação de igrejas, exortação à fidelidade, concílios para esclarecimento doutrinário, tudo isso provê uma base bíblica para um estilo de crescimento eclesialístico. Não meramente crescimento numérico, embora isso encha os olhos com a virtude do sucesso e do triunfo, mas sobretudo crescimento assinalado pela vida de Cristo, através do Seu

Espírito, na vida de indivíduos e grupos que O aceitam. Esse é o tipo de crescimento que, segundo Luther Copeland, vence obstáculos.¹

Ele conclui que o crescimento da Igreja verificado no livro de Atos não é simplesmente numérico, mas em dimensões espirituais e étnicas. A qualidade acompanhava a quantidade. As qualidades de fé, amor, alegria, honestidade e pureza são o resultado de uma comunidade fundamentada na Palavra de Deus e no Espírito Santo.

A ênfase quanto a ser membro da Igreja não é em virtude da cultura ou *status* social, senão da relação de fé com a pessoa de Cristo. Vemos a incorporação de judeus, gentios, pobres e ricos, de pessoas sem fama ou distinção, de sacerdotes e mágicos. De acordo com o ensino de Paulo, “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3:28). Isso não nega a dinâmica social que o Espírito Santo usa para comunicar o evangelho, através de “pontes” humanas, ou seja, por meio de famílias, clãs, parentesco ou homogeneidade cultural.

A estratégia missionária em Atos incorpora tanto as habilidades humanas dos discípulos como o poder e direção do Espírito Santo. É o Espírito quem capacita os crentes. O direcionamento inicial da pregação ao judeu possibilitou uma “ponte” para alcançar os gentios. Muitos deles eram “tementes a Deus” e frequentavam a sinagoga. O Senhor estava dirigindo os apóstolos para que se aproximassem dos judeus a fim de lhes explicar todo o conhecimento de Deus.

Em Atos, transparece a idéia de liberação de tudo o que impede a presença do evangelho. São superadas todas as barreiras étnicas, lingüísticas, sociais e religiosas, que ainda hoje dividem os homens e mutilam nações. Lucas não se esquece de fortalecer a presença do reino de Deus, enfatizando-o na marcha da Igreja. Esse reino está presente e é vindouro. É imanente e transcendente; invisível e visível. Jesus manifestou o reino entre os homens, ao mesmo tempo em que o introduziu no coração dos crentes. É o cimento para a escalada missio-

nária e a meta na consumação da segunda vinda. Em meio a esses tempos e momentos, está a Igreja como serva de Cristo. Essa missão de serviço alcança o fim da Terra e o fim do tempo.

O crescimento da Igreja, segundo o livro de Atos, é revelado como um mistério, produzido pela atividade divina. A soberania de Deus é exaltada. É Ele quem dirige o processo de evangelização do mundo. E às vezes esse processo parece fora da lógica humana, inaudito, imensurável, sem tempo definido, extrapolante e incoerente. Se o livro de Atos é uma demonstração de crescimento, a vida e o ministério de Jesus, Suas palavras, morte e ressurreição são a base desse crescimento. Cristo é o centro do plano da salvação; tudo gira em torno de Sua pessoa e obra.

A morte de Cristo sugere crescimento. Ele disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto” (João 12:24); “E Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo” (v. 32). Sua morte, portanto, significou a possibilidade de vida para muitos. A morte de apenas um grão de trigo significaria vida multiplicadora de milhares de outros grãos de vida. Dessa maneira, a morte de Cristo é explicada em termos de crescimento.

Metáforas bíblicas

Em seu livro intitulado *Iglecrecimiento y la Palabra de Dios*, A. R. Tippett faz referências às diversas metáforas de crescimento eclesial utilizadas por Jesus. Ele as classifica nos seguintes moldes:

Referências quantitativas. “O reino dos Céus é ainda semelhante a uma rede que, ... recolhe peixes de toda espécie” (Mat. 13:47). “O reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado” (Mat. 13:33). “Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens” (Mar. 1:17).

Símbolos da colheita. “... A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara” (Mat. 9:37 e 38). “... Erguei os olhos e vede os campos, pois já branqueiam para a ceifa” (João 4:35).

Símbolos de penetração. “Vós sois o sal da Terra. ... Vós sois a luz do mundo” (Mat. 5:13 e 14). “Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus” (Mat. 16:19).

Símbolos de interação. “... Sai de pressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos... e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a Minha casa” (Luc. 14:21-23). “Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (João 15:5).

Tippett conclui, comentando que “cada uma dessas metáforas de uma maneira ou de outra sugere desenvolvimento, crescimento, expansão, penetração no mundo, incorporação de novas pessoas, multiplicação, construção e aumento tanto quantitativo como qualitativo. Como uma coleção cumulativa de ilustrações, elas indicam a perspectiva ampla e dinâmica do Mestre e Seus discípulos. Com elas não há lugar para o estático”.²

A forte influência das figuras empregadas por Jesus, para Se referir ao crescimento da Igreja, é perceptível tanto no livro de Atos como em outros escritos apostólicos. Paulo, Tiago, Pedro e João sempre falam daquilo que viveram plenamente com Cristo em Seu ministério discipulador.

“Mas, seguindo a verdade em amor, crescemos em tudo nAquele que é a cabeça, Cristo” (Efés. 4:15).

“Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tia. 1:2-4).

“Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (II Ped. 3:18).

“Aquele, entretanto, que guarda a Sua palavra, nEle, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nEle” (I João 2:5).

A força das palavras

Além dos aspectos estudados até aqui, a importância de uma igreja estar voltada para o crescimento é realçada pelos termos utilizados por Lucas em seu tratado. Ali, as palavras “crescimento” e “crescer” são traduzidas dos termos gregos *auxo* ou

auxano, que significam crescer ou fazer crescer; *auxesis*, significando crescimento, aumento; ou *hyperauxano*, cujo significado é crescer abundantemente.³ Essas palavras são fortemente carregadas com a idéia de aumento de quantidade ou qualidade. *Auxano* está relacionada com a vida e o processo natural de crescimento das plantas. Uma palavra correlata, no Novo Testamento, é *parâh*, que significa ser frutífero, ser abundante.

Outra palavra que aparece em Atos, relativa ao crescimento eclesial é *prostithemi*.⁴ Seu significado é “agregar”, “aumentar”. É usada especialmente para indicar a incorporação de uma pessoa a uma sociedade ou grupo novo de pessoas (Atos 2:41 e 47). Também existem as palavras *plethyno* e *plethos*,⁵ que lembram abundância, plenitude. Encontram-se no livro de Atos para indicar a idéia de multiplicação de pessoas (Atos 2:6; 5:14). *Iskuo*⁶ é outra palavra utilizada por Lucas, em Atos. Ela indica a capacidade que alguém possui para efetuar o necessário. É o poder de fazer (Atos 19:20).

Existem outras palavras empregadas por Lucas e também por Paulo, referentes ao crescimento da Igreja. Mas o enfoque ao livro de Atos limita a presença delas nesta análise. As declarações de Lucas acerca do crescimento eclesial, conforme registradas em Atos dos Apóstolos é motivo de estudo inesgotável, devido à riqueza de detalhes com que o autor presenteou seus leitores ao longo da narrativa. Por isso, podemos afirmar que Atos reflete o trabalho de Cristo em capacitar Seus discípulos para uma tarefa maior, conforme a Sua profecia: “... e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra” (Atos 1:8). **M**

Referências:

¹ E. Luther Copeland, *Missiology IV*, janeiro de 1976, págs. 14, 18 e 19.

² A. R. Tippett, *Iglecrecimiento y la Palabra de Dios* (Terrasa: Libros CLIE, 1978), págs. 18-20.

³ W. Günther, *NDITNT*, vol. 1 (C. Dutra, SP: Ed. Vida Nova, 1984), págs. 530-532.

⁴ Christian Mauer, *TDNT*, vol. 3, ed. G. Kittrell (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972), pág. 168.

⁵ G. Deling, *Ibidem*, vol. 6, págs. 278-283.

⁶ Walter Grundmann, *Ibidem*, vol. 3, págs. 397-402.



Divulgação

**Cristhian Alvarez
Zaldúa**

Pastor na Missão
Equatoriana do Sul

Exegese

*Uma
interpretação
para um
dos textos
mais
difíceis
da Bíblia*

Pregação aos espíritos

Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos através da água” (I Ped. 3:18-20).

Têm surgido muitas interpretações, na tentativa de identificar esses espíritos e de explicar o quando, o onde e o porquê da pregação aqui mencionada. Dentre elas, destacamos três: 1) “Cristo, entre Sua morte e ressurreição, anunciou a salvação aos seguidores fiéis de Deus, que haviam esperado pela salvação desde a época do Antigo Testamento.”¹ 2) “O Espírito de Cristo estava em Noé, à medida que ele pregava aos prisioneiros do pecado.”² Nesse caso, os

“espíritos em prisão” seriam pessoas vivas, desobedientes à advertência de Noé, antes do Dilúvio. Finalmente, 3) os “espíritos em prisão” seriam anjos caídos aos quais o Cristo ressuscitado proclamou Sua vitória final e a destruição que lhes sobreviria no dia do Juízo.³

Há boas razões para rejeitarmos a primeira interpretação. Ela está fundamentada na pressuposição antibíblica da imortalidade da alma. Depois, não explica porque a pregação foi dirigida a um grupo exclusivo, os “espíritos” desobedientes dos dias de Noé, e não a todos os “espíritos” da era do Antigo Testamento. Também é estranha ao contexto do capítulo, que trata de animar os cristãos que sofrem por causa da sua fé. A introdução abrupta de algo que Cristo teria feito em um suposto mundo dos espíritos é desnecessária.

Um correto entendimento desse texto deve estar sustentado lingüisticamente, ser apropriado aos contextos

literário e histórico do capítulo e do livro, e harmonizar-se com o restante da Escritura. É sobre tais premissas que vamos analisá-lo.

Estabelecendo o texto

Inicialmente, precisamos observar a última frase do verso 18: “morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito”. Originalmente se lê: *thanatōtheis mèn sarki zoopoiētheis de pneumatī*. Aqui estão presentes as conjunções *mèn* e *de*. Quando elas aparecem numa frase, geralmente o sentido é de ênfase, continuação de idéias ou contraste.⁴ O autor as utiliza para criar um contraste de idéias,⁵ dando-lhes assim o sentido de “por um lado... por outro...”⁶ Então Pedro estabelece o contraste entre “carne” (*sarki*) e “espírito” (*pneumatī*).

Essa análise mostra a falácia da crença segundo a qual o apóstolo estaria dizendo que entre a Sua morte e ressurreição, Cristo desceu ao mundo dos mortos para pregar. O contraste

não se refere a um período intermediário entre a morte e ressurreição. A expressão grega *zoopoiethês de pneumatî* refere-se à ressurreição de Cristo e não a um ato anterior a ela. Também é impossível que nesse caso a palavra *pneumatî* se refira ao Espírito Santo. O apóstolo apenas opõe a condição na qual Cristo morreu à condição na qual ressuscitou, ou seja: “morto, sim, na carne, mas vivificado em espírito”. Que significa isso? Não é que Cristo ressuscitou como um ser incorpóreo (Luc. 24:39; João 2:19-21). Ele morreu com as características físicas da natureza humana, mas ressuscitou com uma natureza espiritual, livre de tais características.

Quando o verso 19 afirma “no qual...”, tem a ver com a forma como ressuscitou: “em espírito foi e pregou”; isto é, em Sua natureza espiritual e glorificada foi pregar “aos espíritos em prisão”. O contexto demonstra que a expressão “no qual” não se refere a uma pregação além túmulo, nem ao Espírito Santo.

O tempo da pregação

O contraste entre *sarkî* e *pneumatî* evidencia que essa pregação foi produzida na nova condição que Cristo obteve após a ressurreição. Alguns afirmam que ela foi produzida milhares de anos antes da morte e ressurreição de Cristo, pelo ministério do Espírito Santo na pessoa de Noé. Mas uma leitura cuidadosa dos versos 19 e 20 não confirma isso. O que aconteceu naqueles dias foi a desobediência dos “espíritos”.

A seqüência de eventos descritos nos versos 18 e 19 é clara e não requer muita discussão. Cristo foi “morto, sim, na carne”, ressuscitou “no espírito”, e nessa condição “foi e pregou”. Essa pregação foi produzida depois da ressurreição de Cristo e não antes. A palavra grega *poreuthês*, que é traduzida “foi” (v. 19), é a mesma que, no verso 22, aparece em outras versões como “tendo subido”, para descrever a ascensão de Cristo ao Céu. Portanto, o apóstolo assinala que a pregação de Cristo aos “espíritos em prisão” foi produzida após a ressurreição e durante Sua viagem de volta para o Céu.

Anjos caídos

Neste ponto surge a pergunta: Quem são “os espíritos em prisão”, já que não são espíritos de mortos nem de pessoas que estavam vivas nos dias de Noé? A grande maioria dos erudi-

tos modernos, com base nas evidências, crê que se trata de anjos caídos.⁷ E embora isso pareça estranho, harmoniza-se com o contexto e com o restante das Escrituras.

Caso eles fossem seres humanos, presos em delitos e pecados nos dias de Noé, teríamos de aceitar que Pedro usou uma expressão ambígua para referir-se a pessoas vivas. É improvável que o apóstolo tenha se referido a seres vivos como “espíritos”. Mas existem muitas referências bíblicas a anjos e demônios como “espíritos” (Mat. 8:16; Mar. 1:23, 27 e 34; Luc. 9:42; Atos 5:16; 8:7; Heb. 1:7 e 14; Apoc. 16:13 e 14). Outro fato importante é que Pedro, em sua segunda epístola, descreve os “anjos que pecaram” como sendo entregues “a abismos [prisões, segundo algumas traduções] de trevas” (II Ped. 2:4). Judas também fala de “anjos, os que não guardaram o seu estado original”, como sendo guardados “sob trevas, em algemas eternas” (Jud. 6).

Esses textos mostram que os únicos “espíritos em prisão” mencionados na Bíblia são anjos caídos. A prisão na qual Deus lançou esses anjos é uma prisão simbólica de trevas, na qual estão guardados para o Juízo final.

Se os “espíritos em prisão” são anjos caídos, por que Pedro afirma que desobedeceram nos dias de Noé? Há evidências de que, nos dias de Pedro, circulava, tanto entre os judeus como entre os cristãos, a crença de que os “filhos de Deus” mencionados em Gênesis 6:1-4 eram anjos caídos que “possuíram as filhas dos homens”. Segundo a crença, dessa união surgiu uma geração violenta e rebelde, razão pela qual Deus aprisionou tais anjos e destruiu a geração iníqua através do Dilúvio. Tal crendice formara entre os leitores originais de Pedro uma associação mental dos anjos caídos com a maldade existente nos dias de Noé. Embora não a defenda, o apóstolo usa essa crença popular como ilustração, dentro do propósito de sua carta: animar os cristãos perseguidos.

O que foi a pregação

Evidentemente, a pregação aos espíritos era uma oferta de salvação. Em virtude de Sua morte e ressurreição, Cristo proclamaria uma mensagem de vitória e juízo sobre os anjos rebeldes. Ao falar dessa pregação, Pedro não utiliza o verbo *evangelizomai*, cujo significado é “declarar boas-novas”, como o faz nos capítulos 1:12 e 25;

4:6. Ele usa o verbo *kerusso*, que significa “proclamar, anunciar”, em geral, boas ou más notícias.

A idéia de proclamação da vitória e juízo sobre as forças do mal harmoniza-se com o contexto. Após ter ressuscitado, é dito que Cristo subiu ao Céu e “está à destra de Deus, ficando-Lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes” (I Ped. 3:21 e 22). Em outras partes do Novo Testamento esses mesmos termos são utilizados para designar as forças malignas. Paulo, por exemplo, afirma que “nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem principados, ... poderá separar-nos do amor de Deus” (Rom. 8:38 e 39). E mais: “porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal” (Efés. 6:12).

O tema do capítulo

Como tudo isso se encaixa com o tema de I Pedro 3? Nos versos 13-17, o apóstolo anima os crentes a não temerem os inimigos, nem se envergonharem de sofrer por causa de Cristo. Os versos 18-22 mostram a razão pela qual eles não devem temer os inimigos, muito menos que a causa de Cristo fracasse: mesmo que Ele tenha morrido, ressuscitou glorificado e triunfante. Nessa condição, foi proclamar Sua vitória sobre os espíritos imundos. Então ascendeu ao Céu e, sentado à destra de Deus, domina sobre “anjos, e potestades, e poderes”.

Saber que Cristo derrotou as forças espirituais do mal significa força e ânimo para os crentes em meio à perseguição. Esse texto é uma exaltação de Cristo sobre Seus inimigos e uma declaração de triunfo sobre o maligno. E Sua vitória também é nossa, pela fé. Estamos cada vez mais perto da libertação. **M**

Referências:

- 1 Tyndale House Publishers, *I & II Peter & Jude, Life Application Bible Studies* (Wheaton, Ill: Tyndale House Publishers, 1999), pág. 11.
- 2 *Ibidem*.
- 3 <http://bible.crosswalk.com/dictionaries/BakersEvangelicalDictionary/bed.cgi?number=T666>
- 4 Bible Works, *Friberg AGNT Lexicon* (Bible Works for Windows 4.0, 1998).
- 5 J. Gresham Machen, *New Testament Greek for Beginners* (New York: Macmillan Publishing Company, 1923), pág. 263.
- 6 Bible Works, *Barclay-Newman Greek Dictionary* (Bible Works for Windows 4.0, 1998).
- 7 Robert Johnston, *Bible Amplifier: Peter & Jude* (Boise, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1995), págs. 92-99).



Divulgação

Miroslav Kis

Ph.D., professor de ética no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Ética

Somente a graciosa intervenção divina pode reparar as conseqüências da infidelidade matrimonial

Vítimas e feridos

Quando o inimaginável torna-se parte da imaginação, quando começamos a pensar o impensável, é aí que o impossível se torna possível. Isso é válido para o bem e o mal. Raramente o adultério é um evento sem história. Algum tipo de imaginação, ou devaneio, prepara o caminho. Quem nós somos em secreto eventualmente vem à luz no momento da tentação ou prova. E quando isso acontece, deixa marcas indelévelis.

A abordagem desse assunto é sempre dolorosa, porque o resultado da pesquisa de casos adúlteros pastorais é devastador. Mas sem uma avaliação imparcial, objetiva e, acima de tudo amorosa, somos incapazes de responder às situações, de maneira compassiva e redentora. Não é o caso de agir-mos como avestruzes, muito menos assumirmos atitudes de juízes precipitados. Afinal, Deus ainda está no Seu trono, é nosso Criador e Pai, o único capaz de aquietar nossa alma arrependida e curar relacionamentos feridos. Em um caso de adultério não há vencedores; apenas vítimas. Acredito que, nessa questão extremamente complexa, a Bíblia considera o cônjuge ofen-

dido e os filhos as principais vítimas (Mal. 2:13-16; I Tess. 4:6; Hcb. 13:4).

Sabemos que cada caso é único e que a divisão de responsabilidades é uma tarefa assustadora. Mas a Igreja foi chamada a resgatar, e Deus deseja que sejamos graciosos e sábios no trato do problema, para que não subestime-mos as feridas nem matem as vítimas, onde quer que elas se encontrem.

Impacto na esposa

Choque. O dia pode começar normal. As crianças estão na escola e o esposo trabalhando. Alguém telefona ou chega para dar a notícia. Por mais habilidosa que seja a comunicação, não há forma agradável de dizer: "Seu marido está lhe traindo." Isso é tão doloroso como uma notícia de morte, especialmente quando o esposo é insuspeito, e mesmo que ele seja o confessor. Estou usando a esposa como vítima e o esposo como culpado, mas o inverso também acontece e não é menos penoso.

Perda de inocência. O casamento é uma forte aliança. Seu poder de unidade é imenso. O início da vida a dois é, de muitas formas, um novo começo. Envolve libertação do passado, nova

confiança, nova chance à pureza, liberdade para crescer; uma nova chance à inocência. E quanto tudo isso é jogado fora, a inocência conjugal morre. E essa morte pode ser vista de muitas maneiras, uma das quais é a culpa. Frequentemente a esposa traída assume a responsabilidade pela falha do casamento. Imagina que não foi suficientemente boa para impedir a tragédia. O fardo da culpa dividida pode se tornar insuportável, e ela duvida de sua própria inocência no adultério do esposo.¹

Depois de anos identificando-se com o sucesso e as falhas do marido, a esposa também não pode escapar do senso de vergonha. E como esposa de pastor, esse sentimento é maior porque trata-se de um casal público.

Solidão. Muitas esposas se sentem sós, mas poucas situações podem ser comparadas com o senso de deserção no caso de um adultério. Até os amigos íntimos às vezes desaparecem, e não é porque não se importem. "Nem sempre eles sabem o que dizer", confidenciou certa vez uma esposa sobrevivente da infidelidade conjugal.

Perda de identidade. Uma questão básica que a angustiada esposa enfrenta é:

“Quem sou eu?” Durante muito tempo ela era a esposa do pastor. Sua auto-estima, suas roupas e aparência, seu lugar na sociedade e sua própria vida revolviam-se em torno do pastorado. Ao perder o marido, ela sente que tornou-se ninguém e nada possui. Recusa envolver-se em ministérios com os quais colaborava, e muitas pessoas dependentes do seu apoio são abandonadas. Ela está perdendo não apenas um arrimo de família, mas o pai de seus filhos, um amante, sua alma gêmea.

Sensação de logro. Com o desdobramento da história, a esposa descobre a extensão em que foi enganada, quanta duplicidade e astúcia havia no âmago do relacionamento conjugal. E sente-se ridícula. Ela que sempre quis dar ao esposo o espaço de que ele necessitava, respeitar seus segredos profissionais. Mas como poderia seu amor ser tão cego de modo que não fosse capaz de reconhecer e impedir a tragédia?

Anulação. Agora que o mal aconteceu, Heather Bryce lembra: “As ‘outras mulheres’ – amigas cristãs – não parecem necessitar dizer que estão tristes ou aconselhar o perdão, e isso deixa um sentido de perda e vazio. Os conselheiros me dizem para não procurá-las, e que o perdão tem de partir de mim. O apoio recebido tem sido primariamente para meu esposo. Muitas cartas incentivam-me a perdoá-lo, e reafirmar o bem que foi seu ministério passado. Muitas vezes a ajuda que eu recebo vem na forma da pergunta: ‘Você perdeu peso? Como o está tratando agora?’”²

O esposo traído

É surpreendentemente escassa a literatura sobre a esposa de um pastor infiel. Mas o marido da “outra mulher” é virtualmente esquecido. E isso apesar de que iguais vergonha, culpa, perda de identidade e auto-estima, rejeição e traição também atingem esse homem. No caso de Davi, Deus não apenas quis convencê-lo da lascívia e impureza do que ele fizera com Bate-Seba, mas do erro desumano que infligira ao outro homem, o dono da única “cordeirinha” (II Sam. 12:1-4).³

Em primeiro lugar, o adultério, visto da perspectiva do homem traído na situação de Davi, é transgressão contra o mandamento: “Não matarás.” Mesmo se Davi não houvesse tirado a vida de Urias, ele matou a unidade – “uma só carne” (Gên. 2:24) – divinamente designada à qual marido e mu-

lher se entregam. Há também um sentido de roubo do cônjuge, pai ou mãe de outra pessoa; roubo da mais íntima felicidade alheia; divisão do lar de outra pessoa. E Deus parece ter o maior interesse nas vítimas de infidelidade. Ele está preocupado com os direitos dos defraudados nesse assunto.

Paulo declara: “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; e que, nesta matéria, ninguém ofenda, nem defraude a seu irmão; porque o Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos e testificamos claramente é o vingador” (I Tess. 4:3-6).

“Quando uma pessoa realiza seus desejos e o que parece ser uma nova felicidade em um segundo casamento, é fácil esquecer o preço que foi pago por outro alguém: o preço da perda de sua companhia de vida, das lágrimas derramadas no silêncio da noite. Alguém foi roubado de sua felicidade, teve seu lar destruído, foi deixado só, lutando consigo mesmo. Crianças foram deixadas sem um pai ou mãe. É fácil esquecer o terrível sofrimento de outros, enquanto se desfruta um novo amor. Mas Deus não esquece.”⁴

Os filhos

Aqui estão os filhos inocentes. Amontoados atrás do pai ou da mãe, sua torre de força, seu modelo, imagem de Deus, seu exemplo de como a vida deve ser vivida. Um dos dois lhes dará a notícia, enfrentando suas reações complexas e confusas, de uma intensidade inimaginável.

O pai os deixou. Sentem-se valendo nada. A humilhação pública lhes assalta a vida. Os cochichos, os boatos, olhares de piedade fazem com que desejem sumir do lugar onde vivem. Preocupam-se quanto a ter herdado ou não as tendências à infidelidade. Seu desenvolvimento sexual pode ser afetado. A sexualidade de uma criança depende, em grande parte, do que ela observa no lar. A experiência religiosa infantil também pode ser abalada. Pode haver um grande ressentimento direcionado à igreja, à religião e a Deus, que aparentemente não foram capazes de proteger o pai contra a queda.⁵

Independente da idade, a criança sempre é afetada pela infidelidade sexual dos pais. Quando tinha três anos, meu

filho ouviu uma conversa com uma vizinha cujo marido fugira com outra mulher. Dias depois, ao encontrarmos aquela vizinha com seu filho em uma loja, meu garoto perguntou: “Pai, onde está o pai de Marcos?” Respondi-lhe: “Ele deixou a família.” Notei uma expressão apreensiva em seu rosto. “Pai, você vai nos deixar algum dia?”, ele perguntou. Olhei-o nos olhos e disse: “Não, filho, nunca.” E senti seu longo abraço.

A outra mulher

É difícil saber quem se sente mais responsável pelo adultério: a esposa traída, por imaginar-se não ser a mulher de que ele necessita, ou a “outra mulher”, por ser a que ele não deveria necessitar. Mas o pêndulo da responsabilidade balança na direção do pastor.

Deixemos que Pamela Cooper-White fale: “Eu argumento, entretanto, que tal relação íntima é sempre uma violação dos limites éticos e que é responsabilidade do pastor manter os limites apropriados. Como acontece com o estupro, o envolvimento sexual do pastor com uma paroquiana não é primariamente um assunto de sexo ou sexualidade mas de poder e controle. Por essa razão eu chamo isso de abuso sexual, em lugar de ‘relacionamento’, ou de atividade privada consentida entre adultos (como quase sempre é descrita) ... pode não haver consenso autêntico em uma relação envolvendo poderes desiguais.”⁶

O pastor pode ser o “outro” empregador, professor, mentor ou conselheiro da mulher. Embora devamos conservar em mente esses fatores, e reconhecer que a responsabilidade pastoral é maior, um fato permanece inegável: Exceto estupro ou abusos maliciosos, somos cúmplices na infidelidade sexual sempre que traspassamos os limites alheios ou permitimos alguém violar nosso limite de intimidade. Em qualquer circunstâncias, a “outra mulher” enfrenta algumas questões.

Roubo de marido. As conseqüências do seu ato vão persegui-la. No caso do adúltero preferir ficar com ela, é certo que ela estará pensando na esposa legítima e sua solidão, vivendo em uma casa menor, “saindo para trabalhar pelo seu sustento, sem a companhia que lhe era tão preciosa – tudo porque ela roubou o marido e assim destruiu o lar”.⁷ Essa realidade a afeta negativamente.

Vítima e cúmplice. Por mais vulnerável que tenha sido, por mais forte que tenha sido a pressão, por mais destruí-

turado que tenha sido seu casamento, ou por mais abusivo que tenha sido seu esposo, a “solução” encontrada somente multiplicou o número de vítimas. Agora, na opinião de Hession, “espera-se que ela tenha se humilhado diante de Deus e reconhecido o erro cometido em relação à esposa traída como um pecado contra Deus. Então é hora de confessá-lo, pedir perdão e procurar fazer algo para reparar o erro”.⁸

Prejuízo da auto-estima. Ela pode sentir-se envergonhada, culpada e estúpida, por haver-se deixado usar como objeto de prazer. Seu senso de valor, de confiança e segurança é particularmente destruído. O idealismo e a esperança quase se vão.

Desordens físicas, emocionais e espirituais. Algumas mulheres enfrentam sérias dificuldades nos âmbitos físico e psicológico. As intimidações e ameaças para não revelar o caso de adulté-

Em caso de adultério não há vencedores

rio resultam em ansiedade, estresse, insônia e muitos outros problemas de saúde.⁹ Há também certo arrefecimento da confiança em Deus, na Igreja e nos amigos que, em nome da reputação de alguém, não deram ouvidos às suas queixas antes da tragédia.¹⁰

Impacto sobre o pastor

Inocência é a qualidade do ser caracterizada pela pureza, integridade e isenção de dolo. Vidas inocentes desfrutam profunda serenidade mesmo sob as circunstâncias mais adversas, as piores tentações e flagrantes injustiças. Embora vendido como escravo, tendo resistido às insinuações de sua patroa, e apesar da injusta prisão resultante, José “tinha a paz que vem de uma inocência consciente”.¹¹ Os efeitos da perda de inocência exercem grande impacto no pastor que cai em adultério. Tal perda afeta todos os aspectos de vida e do ser.

Perda de inocência pessoal. Antes da consumação do caso, nada parecia indicar qualquer mudança em sua vida. A ideologia prevalecente na cultura atual apregoa a falsa ilusão de que o sexo livre pode ser seguro, e que uma intimidade casual nada mais é do que um entretenimento sem efeitos nega-

tivos. A verdade, porém, é que acontecem profundas mudanças no íntimo das pessoas envolvidas. A intimidade sexual nos introduz na “câmara sagrada” de outra pessoa, onde convergem todas as dimensões de duas personalidades. Nenhuma outra experiência faz isso tão completamente.

A intimidade sexual envolve uma doação mútua total. E como não somos mais que uma totalidade de ser, doações múltiplas fragmentam o senso de integralidade. Essa fragmentação do eu acontece porque cada novo parceiro liga-se a nós diferentemente, com demandas específicas, de modo que já não nos pertencemos como antes. Um profundo sentimento de vergonha explode do interior do indivíduo quando ele se defronta com esse novo eu comprometido, que não sabe como se relacionar com os familiares; quando vê os amigos agindo estranhamente; e mesmo (ou especialmente) quando falar de Deus soa artificial e audacioso.

Perda de inocência conjugal. A união com a esposa, o apoio recebido dela, os sonhos e planos partilhados juntos agora têm limites. Não nos sentimos dignos dessa experiência; já não a merecemos. “Perdemos toda razão para ser confiáveis.”¹² Antes, consolávamos, protegíamos ou resgatávamos a família em suas lutas, mas agora não podemos prover assistência; nem sabemos como buscar a ajuda necessária. Pouco restou da condição de esposo ou cabeça de família. Perdemos o trabalho, o salário e a honrada função. “Senti-me emasculado”, confessou-me certa vez um cliente, acrescentando: “Minha esposa perdoou-me, sei muito bem. Sempre me sentirei perdoado, mas isso já não é inocência.” Somente Deus pode perdoar completamente.

Perda de inocência profissional. A derrocada é completa. “Embora o pastor seja humano (com todas as tentações e fraquezas de outras pessoas), por sua vocação, ele escolheu viver num plano mais elevado. Isso inclui o bem-estar dos membros e do bom nome da igreja na comunidade. Assim o efeito de um desvio sexual da sua parte é catastrófico nas pessoas envolvidas e devastador para a igreja e a comunidade. O tratamento dos traumas pode levar uma vida.

Pode passar uma geração de desiludidos, antes que a fé da comunidade seja recuperada.”¹³

Contudo, a parte mais difícil da história é enfrentar Deus, a mais ferida e inocente dentre todas as vítimas. Estava certo Davi, quando disse: “Pequei contra Ti, contra Ti somente, e fiz o que é mal perante os Teus olhos” (Sal. 51:4). Foi contra a inestimável generosidade de Deus que Davi pecou quando roubou a esposa de Urias. Foi contra o mandamento de Deus que ele agiu rejeitando a autoridade divina. Davi sabia que mentiu diretamente a Deus: “Eis que Te comprazes na verdade no íntimo” (Sal. 51:6).

Sim, o mais difícil é enfrentar o Supremo Pastor, quando como subpastores agimos como lobos devoradores. É tão difícil que nosso instinto, nossa razão, nossos sentimentos, experiência e muitos amigos nos dizem: “Esconda-se atrás de uma folha de figueira. Vá para um outro lugar.” Mas onde podemos nos esconder? Uma folha de figueira não esconderá dEle a nossa nudez. Para onde podemos ir, se não para Ele? Agora é o tempo de oferecer um sacrifício aceitável a Deus.

Ao contrário de sacrifícios inúteis, “coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Sal. 51:17). Nada além da intervenção de Deus pode restaurar nossa inocência. “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro em mim um espírito inabalável. Não me... retires o Teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da Tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário” (Sal. 51:10-12). **M**

Referências:

- ¹ Pamela Cooper-White, *The Christian Century*, 20/02/1991, pág. 199.
- ² *Ibidem*, pág. 65.
- ³ Roy Hession, *Forgotten Factors* (Fort Washington: CLC, 2003), pág. 21.
- ⁴ *Ibidem*, págs. 22 e 23.
- ⁵ Douglas Todd, *Vancouver Sun*, 13/01/1994, A1.
- ⁶ Pamela Cooper-White, *Op. Cit.*, págs. 196 e 197.
- ⁷ Roy Hession, *Op. Cit.*, pág. 25.
- ⁸ *Ibidem*.
- ⁹ Shirley Feldman-Summers e Gwendolyn Jones, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1984, págs. 105-161.
- ¹⁰ Marie Fortune, *Is Nothing Sacred?* (San Francisco: Harper and Row, 1989), págs. 99-107.
- ¹¹ Ellen White, *Patricarcas e Profetas*, pág. 218.
- ¹² Heather Bryce, *Op. Cit.*, pág. 64.
- ¹³ Selma A. Chaj Mastrapa, *Adventist Review*, edição online: www.adventistreview.org/2003-1509/story1-2.html



A palavra da liderança

Igreja mantém posição histórica a respeito das origens e vota princípios para uso da música

Da ANN

Líderes de todo o mundo participaram do Concílio Anual da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, durante os dias 8 a 14 de outubro. Na ocasião foram discutidos procedimentos administrativos e projetos missionários, em função da assembléia geral da Igreja, a ser realizada em St. Louis, Estados Unidos, entre os dias 30 de junho de 9 de julho deste ano.

Entre os votos tomados, dois merecem destaque: 1) A reafirmação da crença denominacional em uma criação literal, realizada em seis dias, conforme o relato do livro de Gênesis, e 2) o estabelecimento de princípios que norteiam a utilização da música congregacional.

Afirmção da criação

A posição dos delegados com respeito à criação representa, na verdade, o endosso oficial da Igreja a um documento elaborado no final da série de Conferências Internacionais Sobre Fé e Ciência, realizadas entre os anos 2002 e 2004 em sete Divisões mundiais, para estudar o assunto. O documento, intitulado "Afirmção da Criação", reafirma "a compreensão da Igreja quanto à historicidade do Gênesis".

Os termos do voto são os seguintes: "Votado aprovar a seguinte declaração em resposta ao relatório da Comissão Organizadora das Conferên-

cias Internacionais Sobre Fé e Ciência, intitulado 'Afirmção da Criação':

"Considerando que a crença em uma criação literal, em seis dias, está indissolúvelmente ligada à autoridade da Escritura; considerando que tal crença acha-se entrelaçada com outras doutrinas da Escritura, incluindo o Sábado e a Expição; considerando que nossa missão, como adventistas do sétimo dia, tal como especificada em Apocalipse 14:6, inclui um chamado ao mundo para glorificar a Deus como Criador, nós, os membros da Comissão Executiva da Associação Geral, durante o Concílio Anual de 2004, estabelecemos, conforme segue, nossa resposta ao documento 'Afirmção da Criação', apresentado pelas Conferências Internacionais Sobre Fé e Ciência:

"1. Endossamos enfaticamente a afirmação do documento sobre nossa posição bíblica e histórica na crença em uma Criação realizada em seis dias literais.

"2. Instamos no sentido de que o documento, acompanhado desta resposta, seja disseminado amplamente através de toda a Igreja mundial, por todos os canais de comunicação disponíveis e nos principais idiomas.

"3. Reafirmamos a compreensão adventista do sétimo dia da historicidade de Gênesis 1-11: que os sete dias da Criação foram literais, de 24 horas, formando uma semana idêntica no tempo ao que hoje entendemos como tal; e que o Dilúvio foi de natureza global.

"4. Chamamos a atenção de todas as comissões e educadores das instituições adventistas do sétimo dia, em todos os níveis, para que continuem apoiando e advogando a posição da Igreja concernente às origens. Junto com os pais, esperamos que nossos estudantes recebam uma exposição completa, equilibrada e



Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral: defesa de princípios

científica de nossa crença histórica em uma criação literal, recente, em seis dias, mesmo que eles sejam educados a conhecer e acessar as filosofias das origens que dominam a discussão científica no mundo contemporâneo.

"5. Apelamos aos líderes em todo o mundo para que busquem maneiras de educar os membros, especialmente os jovens que freqüentam escolas não adventistas, nos assuntos envolvidos na doutrina da Criação.

"6. Apelamos a todos os membros da família adventista mundial a proclamar e ensinar a compreensão da Igreja sobre a doutrina da Criação, vivendo em sua luz, alegrando-se em nossa condição de filhos e filhas de Deus e louvando o Senhor Jesus Cristo, nosso Criador e Redentor."

Filosofia de música

Desde 1972, a Igreja não apresentava uma declaração oficial sobre a música. Mas um documento abordando o assunto, intitulado "Filosofia da Música Adventista do Sétimo Dia", também foi apresentado, discutido e votado por ocasião do Concílio

Anual. Falando sobre o material elaborado, o Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral, evitou ser dogmático: “Um documento como este deve ser apresentado como diretriz e não como praxe”, disse ele. “As diretrizes são um ponto de referência. Foram feitas para nos ajudar. São algo a que recorremos, consultamos, de cunho educacional.”

De qualquer forma, o documento lembra que os adventistas estão se preparando e devem preparar outras pessoas para a volta de Jesus. Conseqüentemente não devem se identificar com o mundo, suas paixões e seus prazeres. Não podendo ser indiferentes ao poder da música, precisamos avaliar nossas escolhas, nessa área, à luz dos princípios bíblicos e dos escritos de Ellen White, atentos para o fato de que nem sempre a música religiosa é sacra. Algumas vezes a expressão “música religiosa” refere-se à música de louvor a Deus, cânticos evangelísticos ou de meditação pessoal. Mas a música religiosa só é aceitável na medida em que não evoque associações seculares nem convide à conformidade com o mundo, seja por palavras ou ações.

Já a música secular tem outros propósitos que não o louvor ou a devoção pessoal. Fala de temas comuns da vida e emoções humanas, tais como amor, natureza, coisas do nosso ser, e pode ter lugar na vida cristã. Mas em virtude do seu potencial para elevar ou degradar, precisamos observar certos princípios de seleção. É o documento os resume conforme segue:

“1. Toda música composta, ouvida ou executada pelo cristão, seja ela sacra ou secular, deverá glorificar a Deus: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (I Cor. 10:31). Tudo o que não cumprir esse elevado padrão enfraquecerá nossa experiência com o Senhor.

“2. Toda música composta, ouvida ou executada pelo cristão, seja ela sacra ou secular, deverá ser a mais nobre e a melhor: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento” (Filip. 4:8). Como seguidores de Cristo es-

peramos unir-nos ao coro celestial. Assim, vemos a vida presente como uma antecipação e um tempo de preparo para a vida porvir.

“Desses dois fundamentos – glorificar a Deus e escolha do mais nobre e melhor – dependem os outros princípios listados abaixo:

“3. A música do cristão é caracterizada pela qualidade, pelo equilíbrio, pertinência e autenticidade. Nutre nossa sensibilidade social, psicológica, espiritual e nosso crescimento intelectual.

“4. A boa música apela tanto ao intelecto como às emoções, e causa impacto positivo sobre o corpo. É integral.

“5. A boa música revela criatividade porque é fruto da qualidade da melodia. Se for harmonizada, ela usa a harmonia de maneira interessante e artística, empregando ritmos que a complementam.

“6. A boa música vocal possui letra que estimula positivamente as habilidades intelectuais, bem como nosso poder e vontade. Boas letras são criativas, ricas em conteúdo e de boa composição. Focalizam e refletem valores morais positivos; educam, elevam e correspondem à teologia bíblica.

“7. Melodia e letra devem trabalhar juntas, harmoniosamente, para influenciar o pensamento e o comportamento, em consonância com os valores bíblicos.

“8. A boa música mantém um judicioso equilíbrio dos elementos emocionais, intelectuais e espirituais.

“9. Devemos reconhecer e compreender a contribuição das diferentes culturas para o culto a Deus. As formas e os instrumentos musicais variam muitíssimo na família mundial adventista do sétimo dia, e a música originária de uma cultura pode ser estranha para alguém de outra cultura.

“A música adventista do sétimo dia significa escolher o melhor e acima tudo nos aproximar do nosso Criador e Senhor, e glorificá-Lo. Vamos enfrentar o desafio de uma visão musical viável e, como parte de nossa mensagem profética e integral, fazer uma contribuição musical adventista única, como um testemunho ao mundo de um povo que espera a breve volta de Cristo.”

Esses documentos podem ser encontrados, na íntegra, no site <http://news.adventist.org>

Ucob elege seus líderes

Nova União tem aproximadamente cem mil membros

Sessenta e nove delegados, representando as Associações Sul-Mato-Grossense, Planalto Central, Brasil Central e a Missão Mato-Grossense, participaram da primeira assembléia da União Centro-Oeste-Brasileira, Ucob, realizada no dia 18 de outubro. O evento teve lugar nas dependências da igreja central de Brasília, DF, sob a direção do Pastor Ruy Nagel, presidente da Divisão Sul-Americana.

Além do estabelecimento de planos de trabalho para evangelização dos Estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, Mato Grosso e do Distrito Federal, a assembléia escolheu os secretários de departamentos que trabalharão junto aos administradores nomeados anteriormente – Pastores Helder Roger Cavalcanti Silva (presidente) e Jairo César Silva dos Anjos (secretário-ecônomo).

O grupo escolhido é o seguinte: Cícero Ferreira Gama – secretário ministerial.

Davi Pereira Sabino de Souza – diretor de Ministério Pessoal, Escola Sabatina e Fidelidade Cristã.

Débora Meira Cavalcanti Silva – diretora dos Ministério da Mulher, da Criança e do Adolescente, e coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam.

Ivan Góes – diretor de Educação, Lar e Família.

Paulo Eduardo Iglesias Bravo – diretor de Jovens Adventistas, Desbravadores e Comunicação.

Charles Brittis – diretor de Publicações.

PARA PENSAR

*“Pastor, leve a Cristo na família, leve-O para o púlpito,
leve-O consigo aonde quer que for.*

*Assim não necessitará apelar aos outros para que apreciem
o ministério, pois estará levando as credenciais do Céu que
provarão a todos que você é um servo de Cristo.” – Ellen White*

*“Não tenha medo de dar um grande passo se isto for o indicado.
Não se pode pular um abismo com dois pequenos saltos.”*

David Lloyd George

HUMOR



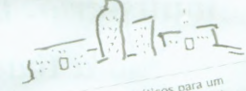
RUMO AO FUTURO: COMO LIDERAR A IGREJA NO SÉCULO 21 – Jere D. Patzer, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP; tel.: (15) 3205-8888; 123 páginas.



Embora a mensagem e a missão continuem as mesmas, a Igreja de Deus do século 21 precisa de homens e mulheres que enxerguem com clareza a estrada à sua frente e que sejam capazes de anunciar um evangelho que faça sentido para quem vive na era digital. Neste livro, você vai encontrar estratégias bíblicas e atuais, que mostram como tornar-se a pessoa espiritualmente capacitada de que Deus e Sua Igreja precisam agora.

Dr. Jorge H. Barro
ORGANIZADOR

O PASTOR URBANO



Dez desafios práticos para um ministério urbano bem sucedido



O PASTOR URBANO – Jorge H. Barro (organizador), Descoberta Editora Ltda., Rua Pequim 148, Jd. Cláudia, CEP 86050-270 Londrina, PR; tel.: (43) 3337-0077; 286 páginas.

O maior fenômeno da história mundial atualmente é a urbanização. A migração das pessoas para as cidades é um processo cada vez mais crescente, e desafiador para o trabalho pastoral. Muitos dos métodos e estratégias pastorais necessitam ser contextualizados. Por isso, é urgente e necessário discernir e compreender o que significa ser um pastor urbano.



VEJA NA INTERNET

www.desarrollocristiano.com

O site mantido pelo *Desarrollo Cristiano Internacional*, uma organização interdenominacional que foi fundada na Argentina, mas hoje tem sede na Costa Rica, apresenta excelente conteúdo na forma de artigos, esboços para sermões e ilustrações. Na linha de menus, no alto da tela, basta clicar em *Artículos* para ter acesso a dezenas (em alguns casos, centenas) de artigos sobre: Louvor e Adoração, Família, Evangelização, Discipulado, Jovens, Liderança, Pastorado e Vida Cristã. O próximo *link*, da linha de menus, *Predicación*, dá acesso aos Esboços, Ilustrações para Sermões e artigos sobre Pregação. O site oferece ainda boletins gratuitos quinzenais, via e-mail, em um deles baseado na revista *Apuntes Pastorales*, e os demais sobre: Liderança, Liderança Jovem, Liderança Feminina e Pregação. – Márcio Dias Guarda



FUNDAMENTOS BÍBLICO-TEOLÓGICOS DO CASAMENTO E DA FAMÍLIA – Jorge E. Maldonado (editor), Editora Ultimado Ltda., Caixa Postal 43, CEP 36570-000 Viçosa, MG; tel.: (31) 891-3149; 181 páginas.

Uma reflexão teológica sobre questões tais como a relação homem-mulher na Bíblia, o divórcio e a igreja evangélica, casamento – problema e mistério, a família nos tempos bíblicos, entre outras. São dez capítulos, de diferentes autores, que contribuem para aprofundar o conhecimento sobre o casamento e a família.



Divulgação

Passageiros de terceira classe

Jonas Arrais

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

Certo homem, ao comprar uma passagem de ônibus para fazer turismo pelo país, foi informado de que havia três tipos de bilhetes: o da primeira classe, que custava 100 dólares, o da segunda classe, que custava 50, e o da terceira classe, cujo preço era apenas 25 dólares. Esse homem deu uma rápida olhada no ônibus e observou que todos os assentos pareciam iguais. Assim, acabou comprando uma passagem de terceira classe e sentiu-se feliz por economizar um bom dinheiro.

A viagem começou e, logo na primeira subida, o ônibus parou. O motorista levantou-se e transmitiu o aviso: "Passageiros de primeira classe permaneçam sentados. Passageiros da segunda classe, por favor, desçam do ônibus e sigam caminhando a pé. Os da terceira classe devem sair e ajudar a empurrar o ônibus."

Muitas vezes, a igreja se parece com esse ônibus, no qual muitos passageiros de primeira classe permanecem confortavelmente sentados, sem fazer nada. Apenas limitam-se a olhar outros trabalharem. Há também muitos passageiros de segunda classe que seguem o seu caminho e deixam para trás o trabalho a ser realizado. Felizmente, porém, ain-

da encontramos um pequeno grupo de passageiros de terceira classe que sempre ajuda a carregar o programa da igreja. Esses estão dispostos a sacrificar o conforto pessoal para realizar o trabalho de Deus.

Neemias representa bem esse grupo. A Bíblia diz que quando ele ouviu falar da situação miserável do povo e de Jerusalém, sentou-se e chorou por alguns dias (Neem. 1:1-4). Essa é uma das características de alguém que ama e está comprometido com a obra do Senhor. Acaso você a possui? As coisas que entristecem o coração de Deus também entristecem você? E quais são as coisas que entristecem o coração de Deus? As Escrituras nos dão a resposta.

O coração de Deus é entristecido quando o Seu povo está enfrentando problemas, vive em desobediência, e quando Ele precisa disciplinar alguém. No entanto, uma coisa que certamente entristece muito o coração de Deus é quando a Sua morada, a igreja, não é honrada por membros e líderes, como deveria ser (II Crôn. 36:14 e 15).

A Bíblia nos diz que o Senhor tem consideração especial pelo lugar onde Seu povo congrega. Quando Deus tornou-Se homem, Ele foi ao templo e viu que muitas pessoas haviam transformado o lugar de culto em um mercado. Expulsou os mercadores e demonstrou Seu profundo interesse pela igreja e pelo povo que ali se reunia em Seu nome. Isso deveria levar-nos a uma reflexão mais profunda sobre a qualidade precária de alguns templos onde muitos cristãos hoje se reúnem. Gosto da atitude e preocupação de Davi, que se sentiu insatisfeito por morar em uma bonita casa de cedro, enquanto a Arca do Senhor permanecia em uma tenda (I Crôn. 17:12). Você também manifesta esse tipo de preocupação pela qualidade das igrejas que estão sob sua responsabilidade?

A história de Neemias nos ensina que cada obreiro

precisa estar pessoalmente envolvido e comprometido com a Causa de Deus. Normalmente, há na igreja uma tendência de se esperar que alguém faça o trabalho, quando Deus, na verdade, conta com a minha participação pessoal.

Neemias não perguntou: "Ouvi dizer que há um problema em Jerusalém; quem irá resolvê-lo?" Sua atitude foi decidida: "Há um problema

em Jerusalém, e eu preciso fazer algo para ajudar a resolver." Cada pastor, servidor e membro da igreja deveria se perguntar: "Que posso fazer por minha igreja?" Alto nível de envolvimento, compromisso e sacrifício pessoal é o que se espera de cada um em sua esfera de ação.

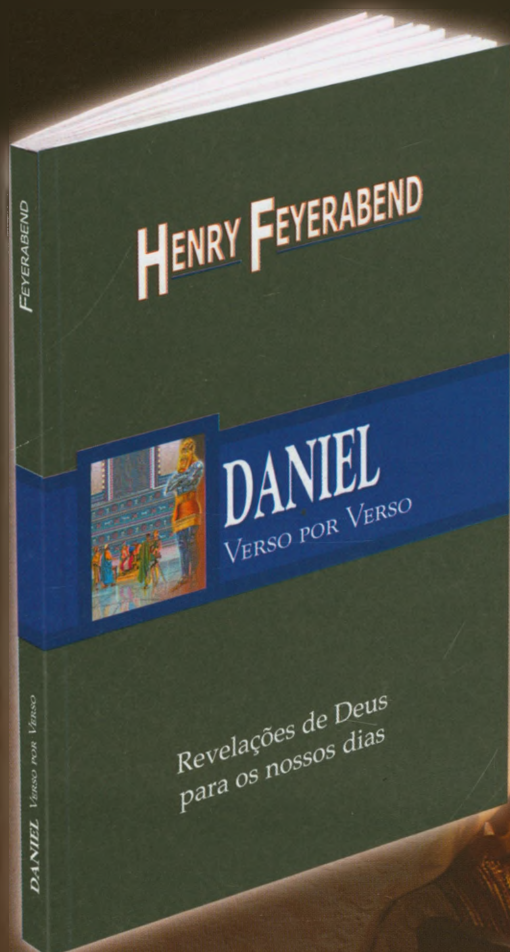
Neemias poderia ter enviado outra pessoa em seu lugar, mas foi pessoalmente. Não ficou sentado, apenas chorando e orando. Foi da capital da Pérsia, Susã, para Jerusalém, a uma distância de 1.600 quilômetros. Deve ter levado mais de 50 dias viajando por estradas poeirentas e enfrentando situações de perigo. Lembre-se de que, em Susã, ele vivia no conforto do palácio real. Mas quando o Senhor precisou de alguém que liderasse o Seu trabalho, Neemias não fugiu ao compromisso.

Deus espera que esse mesmo espírito seja visto em mim, em você, em todos aqueles que um dia abraçaram a missão. A Igreja precisa urgentemente de passageiros de terceira classe. **M**

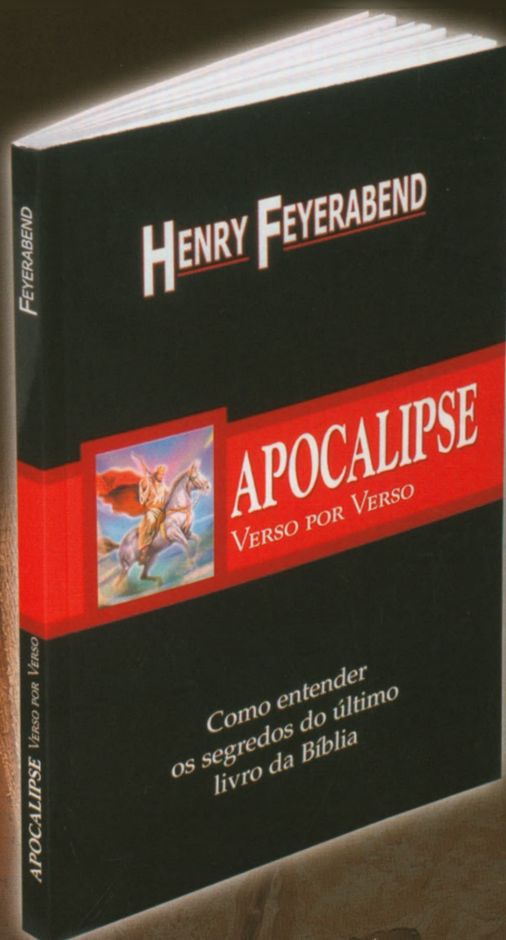


Hélio Pinto

Compreenda melhor as principais profecias da Bíblia com a luz destes dois lançamentos



Faça o seu pedido agora mesmo!



Daniel – Verso por Verso

Henry Feyerabend

Aprenda mais sobre o livro do profeta Daniel que, além de ser uma referência sobre estilo de vida e caráter, faz revelações surpreendentes sobre o futuro da humanidade.

Neste comentário, o autor – que tem-se destacado internacionalmente como evangelista – adota uma linguagem didática, bem prática e clara.

Cód. 8206 - Páginas: 224 - Formato: 13,7 X 20 cm

Apocalipse – Verso por Verso

Henry Feyerabend

Encontre as chaves certas para decifrar os símbolos proféticos e compreender a mensagem do *Apocalipse* com a ajuda deste precioso comentário.

Nele, o autor segue o mesmo método usado em *Daniel – Verso por Verso*, adotando também uma linguagem didática, bem prática e clara.

Cód. 8207 - Páginas: 192 - Formato: 13,7 X 20 cm

Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606*, acesse: www.cpb.com.br, ou entre em contato hoje mesmo com o SELS de sua Associação.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.

